

DISCURSOS E PRÁTICAS DOCENTES

Reflexão e Ação Educativa

Volume 4 - 2023

Organizadores

Jadilson Marinho da Silva

Rafaella Sales da Silva

Maria Rosineide Saraiva Sombra

Lilian Bento de Souza Silva



Editora
REALCONHECER

DISCURSOS E PRÁTICAS DOCENTES

Reflexão e Ação Educativa

Volume 4 - 2023

Organizadores

Jadilson Marinho da Silva

Rafaella Sales da Silva

Maria Rosineide Saraiva Sombra

Lilian Bento de Souza Silva



Editora
REALCONHECER

© 2023 – Editora Real Conhecer

editora.realconhecer.com.br

realconhecer@gmail.com

Organizadores

Jadilson Marinho da Silva

Rafaella Sales da Silva

Maria Rosineide Saraiva Sombra

Lilian Bento de Souza Silva

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editores e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Real Conhecer

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586d Discursos e Práticas Docentes: reflexão e ação educativa - Volume 4 / Jadilson Marinho da Silva; Rafaella Sales da Silva; Maria Rosineide Saraiva Sombra, et al (organizadores). – Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2023. 79 p. : il.

Outra organizadora
Lilian Bento de Souza Silva

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84525-73-3
DOI: 10.5281/zenodo.8196342

1. Discursos. 2. Práticas Docentes. 3. Reflexão. 4. Ação Educativa. I. Silva, Jadilson Marinho da. II. Silva, Rafaella Sales da. III. Sombra, Maria Rosineide Saraiva. IV. Silva, Lilian Bento de Souza. V. Título.

CDD: 371.1
CDU: 37

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Real Conhecer
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
editora.realconhecer.com.br
realconhecer@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://editora.realconhecer.com.br/2023/07/discursos-e-praticas-docentes-reflexao.html>



**DISCURSOS E PRÁTICAS DOCENTES: REFLEXÃO E AÇÃO
EDUCATIVA**

VOL. 4

AUTORES

**AMARO MIGUEL DA SILVA FILHO
ELZA DE ARRUDA SOLIDADE OLIVEIRA
GLEYDSON LUIZ ALVES DA SILVA
HALANA MARTINS DOS SANTOS CARMO
JOSÉ LIVONALDO MENEZES SILVA
LUIZ CARLOS MORAES CAVALCANTE
MARIA DARTICLEA LIMA DE ALBUQUERQUE
MARIA JOSÉ MONTEIRO ARAÚJO
MARINEIDE MARTINIANO DO NASCIMENTO
PAULA CLEONICE LAFAYETTE VASCONCELOS
POLYVANA LAURA CORDEIRO LAFAYETTE SIMÕES**

Prefácio

É com imensa satisfação que apresentamos o quarto volume da série "Discursos e Práticas Docentes: reflexão e ação educativa". Este livro representa um novo marco em nossa busca contínua por uma educação de qualidade, que seja inclusiva, crítica e transformadora.

Nesta era de rápidas mudanças e constantes desafios sociais, o papel do professor torna-se cada vez mais crucial. Os educadores não apenas transmitem conhecimento, mas também são agentes de transformação, responsáveis por desenvolver habilidades e competências essenciais nos alunos, preparando-os para enfrentar os dilemas e as complexidades do mundo contemporâneo.

Neste volume, reunimos uma coletânea de discursos e práticas docentes inovadoras, compartilhadas por professores de diferentes níveis de ensino e áreas de atuação. Essas vozes são provenientes de experiências reais nas salas de aula, resultantes de anos de dedicação e reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Os capítulos deste livro abordam uma ampla gama de temas relevantes, desde metodologias pedagógicas ativas até a importância da diversidade e da inclusão no ambiente escolar. São apresentados relatos de experiências bem-sucedidas, pesquisas acadêmicas e reflexões teóricas, todos contribuindo para uma visão abrangente e enriquecedora da prática docente.

Ao explorar esses textos, os leitores serão convidados a refletir sobre suas próprias práticas e a considerar novas abordagens para promover uma educação de qualidade. Os desafios apresentados são complexos, mas o engajamento e a dedicação dos professores são fundamentais para superá-los.

Acreditamos que este livro seja uma ferramenta valiosa para professores em formação, docentes em exercício, pesquisadores da área educacional e todos aqueles interessados em refletir sobre o papel transformador da educação em nossas vidas.

Agradecemos a todos os autores e colaboradores que contribuíram para a realização deste projeto. Seus esforços e dedicação são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, por meio da educação.

Que este livro inspire e encoraje professores em sua jornada educativa, reafirmando a importância de seu trabalho e capacitando-os a enfrentar os desafios do presente e do futuro.

Boa leitura e reflexões profundas!

Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva

SUMÁRIO

<p>Capítulo 1 A DANÇA AFRO-BRASILEIRA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A BATUCADA NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO DE SEGREDO <i>Halana Martins dos Santos Carmo</i></p>	10
<p>Capítulo 2 A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NUMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL <i>Marineide Martiniano do Nascimento; Gleydson Luiz Alves da Silva</i></p>	20
<p>Capítulo 3 CAFÉ LITERÁRIO: CULTURA POPULAR E PRÁTICA LEITORA NA BIBLIOTECA ESCOLAR <i>Paula Cleonice Lafayette Vasconcelos; Amaro Miguel da Silva Filho; Elza de Arruda Solidade Oliveira; José Livonaldo Menezes Silva; Maria Darticlea Lima de Albuquerque; Polyvana Laura Cordeiro Lafayette Simões</i></p>	33
<p>Capítulo 4 A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA NO ENSINO DO ESPORTE E SUAS INTERVENÇÕES PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ALUNOS <i>Luiz Carlos Moraes Cavalcante</i></p>	42
<p>Capítulo 5 O PAPEL DO NEUROPSICOPEDAGOGO CLÍNICO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM MICROCEFALIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA <i>Maria José Monteiro Araújo; Gleydson Luiz Alves da Silva</i></p>	51
<p>Capítulo 6 PARTICIPAÇÃO FEMININA NO FUTSAL ESCOLAR: DESAFIOS E OPORTUNIDADES <i>Luiz Carlos Moraes Cavalcante</i></p>	68
<p>Organizadores</p>	78

Capítulo 1

**A DANÇA AFRO-BRASILEIRA E SUA IMPORTÂNCIA
PARA A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE
QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A BATUCADA
NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO
DE SEGREDO**

Halana Martins dos Santos Carmo

A DANÇA AFRO-BRASILEIRA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A BATUCADA NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO DE SEGREDO

Halana Martins dos Santos Carmo

Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia, Especialista em Metodologia do Ensino e Pesquisa da Educação em História da África pela Universidade Católica de Anápolis, Mestre em Gerência e Administração de Projetos Educacionais e Culturais, pelo Instituto de Educação Superior Kyre'y Saso – Assunción – PY.

1. INTRODUÇÃO

O batuque é uma dança tradicional que acompanhou a comunidade remanescente de quilombo de Segredo em toda a sua trajetória. Foi recriada no quilombo de Olhos d'água e Mocambo, a partir de referências de danças de matriz africana e levada para a comunidade Remanescente de Quilombo de Segredo como um elo de identidade do grupo. (CARMO, 2010 p. 37)

Pensar em elementos que formam a identidade de uma população implica tentar compreender os valores e os costumes que estão intrínsecos na vida do grupo. Os saberes, costumes fazem parte dos laços identitários e reforçam a experiência de uma comunidade. Souza citando Castells, 2008, define identidade como: “[...] a fonte de significado e experiência de um povo [...] entendo por identidade o processo de construção de significado com base em uma atributo cultural... (CASTELLS apud SOUZA,2012, p. 79 – 80)

A maior parte das comunidades quilombolas, estudadas até o momento, possuem manifestações culturais onde aparecem movimentos corporais, músicas e instrumentos de raízes africanas. Se tornando uma relevante ferramenta de preservação da memória destas comunidades, já que traduzem elementos importantes do cotidiano destes grupos, além de serem transmitidos de geração em geração através da oralidade. (SANTOS 2012, p. 39)

O objetivo deste artigo é, analisar as músicas, os instrumentos musicais e os movimentos corporais feitos no batuque, como uma representação da memória do povo quilombola de Segredo. Já que é possível perceber, nestes elementos, aspectos culturais e históricos da comunidade; as letras das músicas apresentam situações cotidianas como: o trabalho, as tarefas domésticas, as relações sociais, entre outros; os instrumentos musicais, bem como os toques e os movimentos corporais, de origem africana remetem à ancestralidade do grupo que recriou no Brasil seus costumes. (CARMO 2010, p. 39)

Os agrupamentos negros tradicionais costumam transmitir sua cultura e história através da oralidade. De maneira que para realizar este trabalho de pesquisa foi necessário recorrer ao recurso das fontes orais para produzir o material imprescindível ao estudo. (SOUZA 2012, p. 81)

Grande parte das mulheres envolvidas na batucada, aprenderam a dança com as mulheres mais velhas da família, e guardam em sua memória os movimentos, os toques e as cantigas, sendo capazes de reproduzi-los e associá-los ao cotidiano da comunidade desde tempos remotos. (CARMO 2010, p. 37)

Utilizando o método de MEHY1998, produzimos fontes orais através de depoimentos colhidos, esses depoimentos constituem a memória dos entrevistados. A memória é a lembrança de experiências vividas no passado, essas lembranças nem sempre são ordenadas cronologicamente, pois o tempo da memória é o tempo vivido. Ao contar suas experiências o entrevistado ressignifica os fatos com um olhar do presente, de modo que os fatos nunca são contados tais quais aconteceram. De acordo com Souza (2012):

A memória é (re) construção porque ela se realiza com o material do passado e, quando processa esse movimento, ela reinventa as tradições, afirmando-as. Isso é fundamental para a permanência das identidades de uma população no tempo histórico (...) A memória é fundamental nesse processo de reafirmação identitária. (SOUZA 2012, p. 81)

Um mesmo acontecimento vivido por determinado grupo, será lembrado de forma diferenciada por cada indivíduo, apesar disso a memória individual não está dissociada da coletiva, o depoente traz em seu relato tanto uma quanto outra. Percebemos isto nas entrevistas que fizemos, pois os entrevistados sempre mesclavam vivências pessoais com a história do grupo.

A guarda de uma memória comum é fator essencial na formação e manutenção de grupos (de tamanhos e tipos variados, bem como é elemento base de sua transformação (...)) Este acervo, que também inclui, com destaque, relatos preciosamente recontados, é a própria identidade do grupo “materializada”: é sua riqueza poder e emoção. (GOMES, 1996 p. 7)

Conversamos com todas as mulheres idosas, membros do grupo de batuque de Segredo, no sentido de transcrever as cantigas, descrever seus movimentos e toques; além de saber , quem ensinou esta dança a elas, em que momento esta dança era realizada na comunidade, se há alguma relação com a religiosidade. Foi possível ainda, observar a dança sendo feita em uma apresentação, notando todas estas questões.

Após a transcrição das entrevistas, fizemos uma análise cuidadosa de todas as canções relacionando-as com os movimentos e ressaltando a história do agrupamento negro; no intuito de perceber até que ponto esta manifestação cultural representa o cotidiano desta comunidade

A *batucada* era uma manifestação presente no grupo desde Olhos D’agua e Mocambo, quilombo que deu origem à comunidade remanescente de Segredo, e foi reproduzida nos locais por onde este grupo passou em suas migrações em busca de sobrevivência. É uma dança feita por mulheres em roda, ao som de tambores e cantigas, que foram passadas aos mais novos do grupo através da oralidade, e representam a história, o cotidiano e a cultura da comunidade de Segredo. (CARMO 2010, p.37)

Diante do exposto, falaremos aqui sobre as danças afro-brasileiras recriadas no Brasil em comunidades quilombolas e remanescentes de quilombo como forma de preservação da sua história, cultura e identidade. Trataremos ainda da história da Comunidade Remanescente de Quilombo de Segredo para tentar compreender a importância da batucada para este agrupamento. E por fim abordaremos a Batucada como manifestação cultural na comunidade de Segredo, que conta sua história, preserva sua cultura e costumes e reforça sua identidade.

2. AS DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

A maior parte das comunidades quilombolas estudadas até o momento, possui manifestações culturais onde aparecem movimentos corporais, músicas e

instrumentos de raízes africanas. Se tornando uma relevante ferramenta de preservação da memória destas comunidades, já que traduzem elementos importantes do cotidiano destes grupos, além de serem transmitidos de geração em geração através da oralidade.

Entre estas manifestações culturais destacamos aqui a dança e a música que deram origem ao samba e estão presentes em diversas comunidades quilombolas, pois como afirma Santos (2012, p. 46) “[...] os batuques foram determinantes na gênese do samba”, recebendo nomes diferentes, tais como: batuque, batucada, samba de roda, umbigada, samba de coco. Que apesar de terem algumas peculiaridades, apresentam também muitas similaridades. Ainda de acordo com Santos (2012), Todas as manifestações musicais em que há a presença do tambor e da umbigada, estas ficaram conhecidas como batuque ... o termo de comprovada origem portuguesa, é oriundo do termo bater (SANTOS, p. 46). Estas manifestações culturais foram difundidas em todo o Brasil, onde houve escravidão africana.

Na Bahia é conhecido o samba de roda, percutido ao som de atabaques e pandeiros e dançando em roda, com uma mulher ou homem solista desenvolvendo, um de cada vez, requebros e rodopios... (SANTOS, 2012 p. 46)

Consideramos estas danças, músicas e instrumentos musicais uma importante ferramenta para a aprendizagem da história e da cultura dos agrupamentos negros, sendo capazes de, através de uma análise profunda, traduzir a história da comunidade, relacioná-la com a ancestralidade africana e envolver os estudantes em um auto reconhecimento identitário. De acordo com Santos (2012):

[...] trabalhar história através da música também é uma maneira de abordar a disciplina por outro ponto de vista... apresentando o papel ativo do negro de criar resistências à tentativa de desumanizá-lo, e valorizando, assim, a cultura daquele que foi escravizado, em detrimento de possíveis abordagens que insistem em tornar o negro mero agente passivo da história (SANTOS 2012, p. 45)

Deste modo, percebemos que a dança afro-brasileira, em especial os batuques, estão presentes nas comunidades negras desde o início da escravidão, se constituindo um importante elemento de preservação da sua cultura, identidade e costumes. Dando origem a outras formas de manifestação, como o samba. Sendo transmitido de geração em geração através da memória e da oralidade. (SANTOS 2012, p. 46)

3.TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO DE SEGREDO

A batucada é uma dança tradicional que acompanhou a comunidade remanescente de quilombo de Segredo em toda a sua trajetória. Foi recriada no quilombo de Olhos d'água e Mocambo, a partir de referências de danças de matriz africana e levada para a comunidade Remanescente de Quilombo de Segredo como um elo de identidade do grupo. (CARMO 2010, p. 37)

A comunidade de Segredo se formou a partir da migração de outra comunidade. Em 1930 algumas famílias de Olhos D'Água e de Mocambo (município de Seabra), se mudaram para Riacho (município de Seabra) em busca de terras mais férteis para plantar, já que as terras de suas antigas comunidades são bastante pedregosas dificultando o plantio. No Riacho produzia feijão, mandioca, milho; produtos que serviam para o consumo das famílias e para comercialização do excedente nas feiras das cidades de Lençóis e Palmeiras. Essas famílias encontraram no povoado de Riacho outra dificuldade, a falta de água, que eram obrigados a buscar no Segredo; diante disso, resolveram se mudar para lá, onde já havia casas comerciais, acesso mais fácil a outras cidades da região, e água disponível para as necessidades básicas. (CARMO 2010, p. 8 – 9)

A partir de 1940 os quilombolas começaram a se estabelecer em partes mais afastadas da parte central do Segredo, onde já era habitado por famílias brancas. O grupo preserva até hoje os laços de parentesco, de solidariedade e suas raízes culturais trazidas de suas comunidades de origem. Em toda essa trajetória a batucada acompanhou o grupo como um elemento identitário que preservou os costumes, a memória e a cultura deste agrupamento negro. (CARMO 2010, p. 9)

4. A BATUCADA, MANIFESTAÇÃO CULTURAL DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO DE SEGREDO

A *batucada* é uma manifestação presente no grupo desde Olhos D'água e Mocambo, quilombo que deu origem à comunidade remanescente de Segredo, e foi reproduzida nos locais por onde este grupo passou em suas migrações em busca de sobrevivência. (CARMO 2010, p. 37)

É uma dança feita por mulheres em roda, ao som de tambores e cantigas, que foram passadas aos mais novos do grupo através da oralidade. Cada uma das dançarinas vai ao centro da roda e faz uma apresentação individual de dança, “onde se dança rodado, atropelado”. (Entrevista com dona Argemira Maria dos Santos – Segredo), ao sair da roda escolhe-se uma outra companheira que vai ao meio e se apresenta, enquanto dançam, cantam cantigas nas quais está representado seu cotidiano, e as danças são feitas representando as ações descritas pelas cantigas. (CARMO 2010, p. 38)

A chuva chuveu moiô, na bêra da casa pingo quem tava de dento saiu, quem tava de fora entro / Passarinho ta voando na saia da mulher ô mulher, ô mulher / Pega a laranja no chão piquitinho / Pega o chapéu e vá embora seu homem, quero morar aqui sua mulher. (Entrevista com Madalena dos Santos em – Segredo)

Era costume fazer o batuque em ocasiões de festa, casamentos, terno de reis, São João, segundo dona Argemira, “as criança já nasciam naquela tradição, a batucada” (Entrevista com dona Argemira Maria dos Santos – Segredo). De acordo com Madalena, membro do grupo de batuque,

Eles faziam assim a latada lá fora (cobertura de palha ou lona, é costume fazer em festas de casamento), e as moça dançando lá fora, e aquelas mais mulheres de idade, as pessoas mais de idade fazia cá na sala, para divertir, passar a noite com o noivado. Fazia o batuque, cantando. Eles faz, lá eles faz, [em olhos D’agua] não ta fazendo igual eles faziam, por que com essa modernagem (sorri), mais é mais coisa de dança, das outras dança, mais ainda lá de vez em quando elas dança ainda. (Entrevista com Madalena dos Santos em – Segredo)

No seu relato dona Inês Maria afirma que aprendeu o batuque, ainda no Riacho, quando tinha 6 anos, “aprendi com a velha tia Dora e Presenta, elas me colocavam para versar no meio” (Entrevista com Inês Maria do Carmo).

No Riacho essa manifestação cultural continuou a fazer parte das festas do agrupamento negro, mas quando foram para Segredo deixaram de fazê-la, por conta do preconceito que havia com relação às manifestações culturais afro-brasileiras, sempre associadas a forças malignas, “disseram que eles estavam cantando Jarê” (Entrevista com dona Argemira Maria dos Santos – Segredo). O Jarê é uma religião de matriz africana, desenvolvida no interior da Bahia, mais precisamente na Chapada Diamantina, e “representa uma vertente menos ortodoxa do candomblé, resultante de um complexo processo de fusão onde há influência dos cultos Bantu-

yorobá, sobrepuseram-se elementos do catolicismo rural, da Umbanda e do espiritismo kardecista”, onde se faz trabalhos para cura espiritual ou corporal. Ao serem perguntados sobre o Jarê os depoentes sempre associavam essa prática religiosa forças malignas, “é curandeiro que faz trabalho para o mal” (Silva e Amaral, 2009)

Desde que os negros foram escravizados e trazidos para o Brasil, se manifestam culturalmente e religiosamente, e desde esse período também suas manifestações são discriminadas, de acordo com Amaral e Silva (2009):

Em fins do século XIX, como atestam os jornais e outros documentos da época, havia grave rejeição, por parte de segmentos dominantes da sociedade, às práticas religiosas afro-brasileiras. Atribuía-se a eles o caráter de “selvageria”, cujos exemplos, constantemente citados, eram a “lascívia das suas danças” e o “estrondo barulho” de suas batucadas. Esta situação de rejeição — e conseqüente repressão — aos cultos afro-brasileiros colocou-os, do mesmo modo que à sua música, na situação de quase clandestinidade até meados do século XX. (ALVES, 2009 p. 6)

A comparação da dança feita pelas negras, com o Jarê, que na comunidade é tido como uma religião que faz trabalhos para o mal, fez com que o agrupamento negro de Segredo resolvesse conter suas práticas culturais no intuito de não aumentarem um preconceito que já era patente por conta da cor. (CARMO 2010, p. 39)

O Batuque que em Porto Alegre é uma prática religiosa afro-brasileira, na comunidade de Segredo é uma dança realizada simplesmente para fins de divertimento. As características da dança que no Segredo é chamado de batucada, mais se parecem com o samba de roda, mas sabemos que a cultura não é transplantada de um local para outro em sua essência, sofre modificações pois é recriada, determinados costumes podem se apresentar de forma diferenciada em comunidades diversas, mesmo tendo uma ascendência em comum. Na sociedade brasileira onde os encontros culturais foram comuns e as manifestações culturais tomaram uma forma híbrida, é possível encontrar uma só manifestação cultural com elementos diferentes a depender do lugar.

Assim a batucada que é representado no Segredo é uma recriação da mesma manifestação que há em outras comunidades, apresentando elementos do samba de roda do batuque, da umbigada, entre outros. Constituindo-se um relevante

elemento de preservação e fortalecimento da identidade da comunidade negra de Segredo, através da sua história, seus costumes e sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações culturais afro-brasileiras se constituem como um importante elemento de fortalecimento e preservação destes grupos. Os batuques e sambas de roda estão presentes no cotidiano das comunidades quilombolas e remanescentes de quilombo desde sua formação, utilizando instrumentos e movimentos corporais advindos da África e cantigas que revelam muito do seu cotidiano, história e cultura, e contribuiu para a preservação da memória destes grupos.

A comunidade remanescente de quilombo de Segredo traz em sua trajetória, a Batucada como elemento identitário que a une outros agrupamentos negros, transmite sua cultura, história e costumes, conectando-a à sua ancestralidade africana.

Concluimos assim que as danças afro-brasileiras são um relevante elemento de preservação da cultura africana no Brasil, sendo utilizada como forma de resistência e preservação da memória desde os períodos da escravidão se estendendo à contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César; RABELO, Mírian Cristina. *O Jarê- religião e terapia no candomblé de caboclo*. Disponível em WWW.cult.ufba.br.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução: Leila Souza Mendes. Editora Unisinos, SJ 2006

CARMO, Halana Martins dos Santos Carmo. *ESTRATÉGIAS DE SUBSISTÊNCIA, MIGRAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA: TRAJETÓRIA DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO DE SEGREDO 1930 – 1940. 2009 – 2010*. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2010.

MEHIY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. Editora Loyola. Belo Horizonte , 1998

POLVORA, Jaqueline Britto. *A experiência da Antropologia visual em uma casa de Batuque em Porto Alegre*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1 , n 2, p. 129 – 140, jul./set. 1995.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. *Quilombos: Identidade e história*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SANTOS, Marcos Vinícios Filinto dos. *Das Músicas das festas à musicalidade das memórias. (in) Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais*. Org. Renata Filinto. Editora Fino Traço. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2012.

SANTOS, André de Oliveira. *Batuques e sambas: afirmações da identidade afrodescendente. (in) Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais*. Org. Renata Filinto. Editora Fino Traço. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2012.

Capítulo 2

**A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO
DE APRENDIZAGEM NUMA TURMA DE 5º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Marineide Martiniano do Nascimento

Gleydson Luiz Alves da Silva

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NUMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marineide Martiniano do Nascimento

Pedagoga. Professora da Educação Básica. Licenciada em Pedagogia - UEVA. Licenciada em Artes – UNIFAVENI. Especialista em Psicopedagogia – FIP, Língua, Linguagem e Ensino – FIP, Gestão Educacional com Habilidade em Orientação e Supervisão Escolar; Docência e Gestão na Educação a Distância, ambas pela FAVENI e Educação de Jovens e Adultos – IFRO. Mestre em Ciências da Educação pela UDS. Email: profneidemn@gmail.com

Gleydson Luiz Alves da Silva

Professor de Libras. Licenciado em Letras/ Libras pela UFPB. Especialista em Libras pelo IFPB. Mestre em Ciências da Educação pela UDS. Email: gleydsonletraslibras@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A motivação é uma condição humana presente desde muito cedo e que pode determinar ou influenciar no desenvolvimento do indivíduo, pois este precisa sentir prazer na atividade que realiza ou se interessar pelo que lhe é apresentado. Sem a motivação, a aprendizagem não ocorrerá ou poderá ser prejudicada, deixando clara a importância desta para o processo ensino/aprendizagem.

O presente trabalho tem como foco central a discussão sobre alguns fatores que favorecem a motivação no processo ensino aprendizagem na turma de 5º ano do ensino fundamental, de uma Escola Municipal de Educação Básica no interior da Paraíba, mostrando que o incentivo é um fator determinante para o sucesso do aluno em qualquer disciplina abordada no contexto escolar, independente da sua idade ou classe social. Ressalta ainda, que a motivação pessoal, as orientações e as possibilidades de aprendizagem do professor são fatores determinantes para o

desempenho escolar do aluno, ainda mais em momentos difíceis da covid 19.

A problemática da pesquisa realizada consiste em levantar questionamentos sobre os motivos que levam à desmotivação do aluno, uma vez que se percebe a cada dia um número grande de alunos que se evadem das escolas e não apresentam interesse em aprender o que é abordado em sala. Com base nesses questionamentos, foram aplicados questionários a alunos e alunas do 5º ano procurando, dessa forma, identificar o que eles entendem por motivação e o que consideram necessário reformular na escola e na sala de aula para torná-las mais motivadoras. Mas o que fazer para motivar os alunos a aprenderem e a colocarem em prática conceitos e atitudes que só podem trazer benefícios?

Ao levantar este questionamento, pretende-se chamar a atenção para a importância da motivação, ou seja, é necessário despertar no aluno o interesse e o querer aprender e continuar aprendendo sempre, uma vez que as disciplinas trazem tantas informações que só ajudam no seu relacionamento com as demais pessoas e o meio em que vivem, colocando assim em prática seus conhecimentos para uma vida melhor e com mais qualidade. Segundo Campos (1986), todo o processo educativo depende da motivação. Deste modo, é necessário despertar o interesse do aluno, pois esta é a força que comanda o processo da aprendizagem.

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar os motivos que levam à desmotivação dos alunos no processo ensino/aprendizagem nas disciplinas do currículo do ensino fundamental de uma Escola Municipal de Educação Básica no interior da Paraíba. E como objetivos específicos foram definidos os seguintes: identificar se ocorre a motivação nos alunos com relação aos conteúdos abordados; relacionar as metodologias e recursos didáticos utilizados pelo professor como suporte no fenômeno da motivação dos alunos; conhecer os equipamentos e recursos didático-pedagógicos da escola que favoreçam ao professor e ao aluno a motivação no processo ensino/aprendizagem.

Através da pesquisa, espera-se apresentar elementos para a formação de novos educadores e despertar uma nova discussão sobre a elaboração de novas práticas e saberes para profissionais do sistema educacional. Trataremos de alguns conceitos e concepções de autores sobre a motivação de modo geral na vida do indivíduo e sua importância para o bom relacionamento deste e com os outros a seu redor.

Discutiremos a realidade do ensino na referida Escola, campo de pesquisa,

onde teremos uma visão de como está o ensino e qual a posição do aluno frente a este ensino. Quais os motivos que levam os alunos a não se interessarem pelas aulas identificando o que eles gostam ou não nessas aulas e quais são as causas que levam a esta desmotivação. Além de verificar se existe alguma relação entre o gostar ou não das disciplinas e do professor. Também pretende analisar como são as aulas e como os alunos gostariam que as mesmas fossem. Além de mostrar o perfil do professor, seus métodos e metodologias empregados na facilitação do processo ensino/aprendizagem.

Para obtenção de dados da pesquisa, foi desenvolvido um questionário para os alunos e alunas do 5º ano do Fundamental, com a participação efetiva de 28 alunos da turma. O questionário foi aplicado nas dependências da Escola Municipal.

2 CONCEPÇÕES SOBRE MOTIVAÇÃO

“O termo motivação é derivado do verbo em latim "movere", no qual é apresentado na literatura com diversas definições e, relacionadas ao fato da motivação levar uma pessoa a fazer algo, mantendo-a na ação e ajudando-a a completar tarefas” (PINTRICH e SCHUNK, 2002, apud ARAUJO et al., 2008).

Bergamini (1993, p. 38) diz que a motivação é um impulso que vem de dentro de cada pessoa e que “[...] As pessoas consagram mais tempo às atividades para as quais estão motivadas [...]”. Hersey e Blanchard (1986 apud KINPARA, 2000) dizem que a motivação das pessoas é dependente da intensidade dos motivos psicológicos, de desejos, instintos, impulsos, necessidades, de vontades e intenções do indivíduo que dirigem para objetivos conscientes ou inconscientes.

Um motivo é concebido como uma característica relativamente resistente na personalidade que determina a capacidade de gostar de certos incentivos, e desse modo os objetivos atuam no ambiente como reforçadores, além do que, se o motivo em direção ao sucesso, denominado motivo de realização, for maior que o motivo de fuga ao fracasso, as pessoas procurarão realizar tarefas relacionadas com realização. (KINPARA, 2000, p.34)

A motivação é “uma força interior que se modifica a cada momento durante toda a vida, onde direciona e intensifica os objetivos de um indivíduo.” (MASLOW, 1968). Dessa forma, quando dizemos que a motivação é algo interior, ou seja, que está dentro de cada pessoa de forma particular erramos em dizer que alguém nos

motiva ou desmotiva, pois ninguém é capaz de fazê-lo. Assim, ao nos reportarmos ao estudo de Fita (1999, p. 77), entendemos a importância da motivação como uma ferramenta que ativa o comportamento, quando o autor afirma que “a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para alcançar um objetivo”.

Conforme Bzuneck (2000) “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”. A motivação pode ser entendida como um processo e, como tal, é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido (BALANCHO e COELHO, 1996). A motivação pode ser definida como o processo psicológico que leva uma pessoa a fazer esforços para obter um certo resultado. É o processo pelo qual, por exemplo, uma pessoa é levada a fazer um curso e não outro e pelo qual algumas pessoas abandonam um curso e outras não.

Ao falarmos de motivação, faremos uma abordagem quanto ao pensamento dos Behavioristas como ao dos Cognitivistas, para uma melhor compreensão sobre o objeto de estudo em questão, onde, de acordo ao pensamento behaviorista, a motivação é um fator extrínseco à pessoa, ou seja, é necessário que o estímulo venha de fora, que ela seja motivada, estimulada para alcançar determinado resultado.

Assim, pelo reforço, ou recompensa, a motivação passa a ser vista como um comportamento reativo, que leva ao movimento. A motivação empreendida pelo movimento pode ser entendida conforme a seguinte concepção:

A motivação passa a ser compreendida como um esquema de ligação Estímulo-Resposta (...) e que o homem pode ser colocado em movimento por meio de uma sequência de hábitos que são o fruto de um condicionamento imposto pelo poder das forças condicionantes do meio exterior. (BERGAMINI, 1993, p.48).

Os cognitivistas, ao contrário dos behavioristas, acreditam que os indivíduos possuem valores, opiniões e expectativas em relação ao mundo que os rodeia e que assim também são direcionados em seus comportamentos, só que desta vez, baseados nas representações internas. Isto é, os indivíduos possuem representações internalizadas do seu ambiente que envolve os processos de percepção, pensamento, e aprendizagem. De acordo com estas representações os indivíduos formam objetivos e lutam para atingi-los.

Os indivíduos possuem objetivos e expectativas que desejam alcançar e agem intencionalmente, de acordo com suas percepções da realidade. (...) As intenções dependem das crenças e atitudes que definem a maneira de um indivíduo ver o mundo, ou seja, suas percepções. (MOTTA, 1986, p.124).

A motivação pode ser definida como o processo psicológico que leva uma pessoa a fazer esforços para obter certo resultado. É o processo pelo qual, por exemplo, uma pessoa é levada a fazer um curso e não outro e pelo qual algumas pessoas abandonam um curso e outras não. Assim, ainda levando em consideração o pensamento behaviorista, a motivação é um fator extrínseco à pessoa, ou seja, é necessário que o estímulo venha de fora, que ela seja motivada, estimulada para alcançar determinado resultado.

Os cognitivistas, ao contrário dos behavioristas, acreditam que os indivíduos possuem valores, opiniões e expectativas em relação ao mundo que os rodeia e que assim também são direcionados em seus comportamentos, só que desta vez, baseados nas representações internas. Isto é, os indivíduos possuem representações internalizadas do seu ambiente que envolve os processos de percepção, pensamento, e aprendizagem. De acordo com estas representações os indivíduos formam objetivos e lutam para atingi-los.

Em oposição aos behavioristas, que acreditavam que é possível e necessário aprender a motivar os outros, os cognitivistas acreditam que ninguém jamais pode motivar quem quer que seja, uma vez que as ações humanas são espontâneas e gratuitas, tendo como origem suas impulsões interiores. Todavia, não podemos esquecer que os indivíduos tendem a buscar o prazer e se afastar do sofrimento, mas desta vez "a escolha feita em determinada situação é ocasionada pelos motivos e cognições próprios do momento em que faz a escolha". (AGUIAR, 1992, p. 85).

2.1 A Motivação no Processo Ensino/Aprendizagem

A motivação é determinante para qualquer ação do ser humano, pois este precisa sentir prazer na atividade que realiza ou se interessar pelo que lhe é apresentado. Ao relacionar motivação e educação Piletti (1986) indica que "a motivação é um fator fundamental da aprendizagem".

Segundo Campos (1986) "todo o processo educativo depende da

motivação”. Deste modo, é necessário despertar o interesse do aluno, pois este é a força que comanda o processo da aprendizagem. Neste sentido o professor tem um papel fundamental, visto que o mesmo deve ser um facilitador dessa aprendizagem e deve ser um grande incentivador dessa aprendizagem.

O ato de aprender é um ato ativo e não passivo, trata-se da construção de uma habilidade que não depende unicamente do professor e nem do método, depende do aluno. Dessa forma percebe-se que é um conjunto de fatores que estão envolvidos na aprendizagem que vai desde a metodologia empregada pelo professor, o interesse do aluno, o conteúdo, o ambiente, tudo está envolvido nesse processo. Então, motivar seria a palavra chave no processo ensino-aprendizagem. Piletti reforça este entendimento na seguinte passagem: Pode ocorrer aprendizagem sem professor e sem uma porção de outros recursos. Mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem. (PILETTI, 1986, p.63).

Vygotsky (1987) diz que a motivação é um dos fatores principais para o sucesso da aprendizagem. Assim, a motivação consiste em determinadas ações que levam as pessoas a alcançarem seus objetivos. Para Piletti (1987), “a motivação consiste em oferecer ao aluno os estímulos e incentivos apropriados para tornar a aprendizagem eficaz”. Essa é a base para um bom relacionamento em sala de aula, e para que exista verdadeiramente o aprendizado. Vejamos a seguinte compreensão entre motivação e desejo de satisfazer uma necessidade.

A compreensão e o uso adequado das técnicas motivadoras poderiam resultar em interesse, concentração da atenção, atividade produtiva eficiente de uma classe, a falta de motivação poderia conduzir ao aumento da tensão emocional, problemas disciplinares, aborrecimentos, fadigas e aprendizagem pouco eficiente da classe. (CAMPOS, 1986, p. 108).

Portanto, a motivação se faz essencial por tornar a aprendizagem algo agradável. A construção do conhecimento será um processo contínuo, tendo como ponto de partida as experiências dos alunos e como ponto de chegada o conhecimento sistematizado. Os motivos que levam o aluno a aprender devem ser conhecidos pelo professor. Desta forma, ocorrerá aprendizagem significativa e autorealização.

2.2 A Motivação/Desmotivação nos dias atuais

Motivar é levar o aluno ao aprendizado. Tem a finalidade de estabelecer conexões entre as disciplinas e o aprendizado, entre o professor e o aluno. Segundo Piletti (1987), “a motivação consiste em oferecer ao aluno os estímulos e incentivos apropriados para tornar a aprendizagem eficaz”. Essa é a base para um bom relacionamento em sala de aula, e para que exista verdadeiramente o aprendizado. Quando motivado o educando desenvolve capacidades intelectuais, sociais, culturais e até mesmo religiosas. Apresenta-se de fato como cidadão e agente ativo na sociedade.

A origem da motivação é sempre um desejo de satisfazer necessidades. Sendo o ser humano um ser social por natureza, tem necessidade de se relacionar com outros de seu ambiente. Portanto, esta tendência integrativa da pessoa é o principal fator interno ativador da motivação. Se a motivação se origina no desejo de satisfazer uma necessidade, não havendo necessidade, não haverá motivação, e sim, desmotivação.

O que se encontra atualmente nas salas de aula é inúmeros fatores desestimulantes, tais como; salas superlotadas, professores desmotivados, avaliações pouco eficientes, ambientes pouco agradáveis fisicamente, entre outros. A desmotivação gera consequências graves como repetência e evasão escolar.

Nesse momento pandêmico, as escolas da rede pública estão sendo marcadas pela transmissão de conteúdos e as inúmeras barreiras encontradas para o bom desempenho da aprendizagem do aluno. A maioria dos professores foram pegos de surpresa sem um conhecimento básico de como trabalhar com aulas remotas e o uso das tecnologias que dão o suporte essencial para o bom desempenho das atividades, além da maioria dos alunos não ter acesso a nenhum tipo de recurso de informação e comunicação.

Neste contexto, Moran (2009, p.29, 30), afirma que:

Ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade, espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. [...] As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno interpretar esses dados, relacioná-los, a contextualizá-los.

Desse modo, vale ressaltar que o ensino pautado de forma flexível e segura

onde a utilização de recursos didáticos tecnológicos se apresente como práticas inovadoras, certamente será um ponto motivacional onde os alunos estarão construindo o seu conhecimento de forma interativa e integrada lhe proporcionando a compartilhar saberes e influenciando significativamente no seu desempenho cognitivo e no desejo de querer aprender.

3 Resultados e Discussões

Para que ocorra a aprendizagem efetiva é necessário entre outras coisas, a motivação e o querer aprender do aluno, e que muitas vezes também depende do professor e de seus métodos empregados durante suas aulas.

Apresentamos dados da pesquisa com base nas respostas averiguadas no questionário utilizado como instrumento de coleta. Aqui desenvolvemos uma análise da forma mais clara possível da realidade apresentada, trazendo alguns elementos conceituais de análise, ao questionarmos sobre a relação dos alunos com as disciplinas aplicadas, ao perguntarmos também como gostariam que fossem as aulas e ao pedirmos um conceito as disciplinas básicas, segundo seus entendimento.

Ao procurarmos saber sobre a faixa etária dos alunos, todos eles, 100% estão entre 10 e 15 anos; questionados sobre a relação dos alunos com as disciplinas, todos responderam gostar das aulas. Porém quando perguntados se eles se sentem motivados para as aulas, a maioria, cerca de 61% respondeu que sim, enquanto 39% respondeu que não.

Na tabela 1 estão demonstrados os resultados da questão 4, de caráter fechada e com respostas do tipo sim ou não, sendo abordada a questão da motivação para as aulas.

TABELA 1- Relação de alunos motivados ou não para as aulas de Ciências

Se sente motivado	Não se sente motivado
17 alunos	11 alunos

FONTE: Pesquisa realizada com alunos de uma Escola Municipal do interior da Paraíba.

Com relação à motivação percebemos que 17 alunos, ou seja, 61% se sentem motivados em relação às aulas, enquanto que 39% dos alunos não se sentem motivados, mas ainda assim, dizem gostar das aulas.

Diante desse fato vem o questionamento: se todos eles gostam das aulas, então por que 39% respondeu que não se sente motivado para participar das aulas? Neste sentido, pude observar que muitos não tinham uma noção mais profunda sobre o que é a motivação, visto que disseram gostar das aulas mesmo sem se sentirem motivados.

Perguntados sobre como gostariam que fossem as aulas eles responderam que as mesmas deveriam ser mais divertidas, com aulas em laboratórios de informática, ao ar livre, porém alguns dizem que “estão bem do jeito que estão”, numa visão clara que pra estes, tanto faz, não estão nem aí para o aprendizado, num reflexo claro de desinteresse explícito, o que tem preocupado bastante o professor e o gestor escolar, pois tentam descobrir onde está o problema maior, se na metodologia do professor, nos conteúdos que muitas vezes não mostram claramente a relação teoria/utilidade no dia-a-dia ou no próprio aluno que se sente desmotivado de uma forma geral, o que é demonstrado na tabela abaixo.

Na tabela abaixo podemos ver os resultados da questão cinco, de caráter aberta, com respostas livres sobre como gostariam que fossem as aulas.

Tabela 2- Sugestões de como gostaria que fossem as aulas.

Gostaria que fossem as aulas	Número de alunos
Aulas em laboratório (prática)	12
Ao ar livre (de campo)	04
Do jeito que é	05
Diferente do que é divertida	07

FONTE: Pesquisa realizada com alunos de uma Escola Municipal do interior da Paraíba.

Percebe-se diante das respostas obtidas que eles gostam das disciplinas e do professor, muito embora queiram aulas diferentes, mais dinâmicas, numa mostra clara que, para que estas se tornem mais atraente, é necessário que o professor possa inovar contextualizar melhor suas aulas e levá-los à prática, ou seja, intermediar a questão teórica com a prática, pois é importante perceber que se a aprendizagem é resultado de ações de um sujeito, não é resultado de qualquer ação: ela só se constrói em uma interação entre esse sujeito e o meio circundante, natural e social.

Não devemos deixar de enfatizar aqui a influência da família nesse processo, uma vez que, sendo o primeiro grupo social a que o indivíduo pertence, esta tem papel fundamental no desenvolvimento social, intelectual, emocional e

comportamental do indivíduo, influenciando assim o comportamento e os resultados obtidos na escola.

De acordo com os resultados, temos uma nítida ideia de que a maioria dos alunos quer aulas diferentes, ou seja, mais aulas práticas, com metodologias diferenciadas, o que os tornaria mais motivados e interessados em participar e aprender, pois como enfatiza os PCNs:

A observação, a experimentação, a comparação, o estabelecimento de relações entre fatos ou fenômenos e ideias, a leitura e a escrita de textos informativos, a organização de informações por meio de desenhos, tabelas, gráficos, esquemas e textos, a proposição de suposições, o confronto entre suposições e entre elas e os dados obtidos por investigação, a proposição e a solução de problemas, são diferentes procedimentos que possibilitam a aprendizagem. (2000, p. 29)

Dessa forma contribuindo com a formação de alunos mais motivados e, finalmente com rendimento melhor, numa clara demonstração de que cabe não só ao professor buscar meios diversos para facilitar e promover a aprendizagem significativa de seus alunos, mas também a eles próprios, aos governantes para que busquem projetos voltados para uma melhoria na educação de modo geral, propondo políticas públicas em que a educação seja de fato para todos e não apenas para uns poucos.

CONCLUSÃO

Desde os primórdios da humanidade, o ensino tem papel crucial no desenvolvimento do ser humano. O professor precisa estar atento para perceber as contradições da turma, as dificuldades, as frustrações, as identificações com a aprendizagem, enfim, perceber as características mais evidentes em sua turma de alunos e buscar sempre novos caminhos para as dificuldades que surgem todos os dias, procurando, dessa maneira, favorecer e reforçar a decisão de aprender.

Atualmente, a maioria dos professores ainda utiliza uma metodologia pedagogicamente tradicional. Muitos até tentam dinamizar e integrar o ensino numa perspectiva de construção do conhecimento, mas se deparam com escolas sucateadas, sem recursos que possam contribuir com uma aprendizagem sólida para os alunos. No entanto, como anda o conhecimento do professor no que se refere a novas metodologias? Como a escola está preparada para receber seu aluno?

Acredito que cabe à escola repensar seu projeto pedagógico, buscando meios e propostas para melhorar o desempenho de seus alunos e que os tornem motivados a aprender. Que o professor possa rever suas metodologias e busque incentivar, estimular e integrar seus alunos num processo dinâmico para a construção do conhecimento, pautado na valorização dos seus princípios éticos e sociais, peças fundamentais no processo de ensino- aprendizagem, pois servem como atrativos significativos e originários da sua cultura.

Dessa forma como sugestão para aulas mais dinâmicas, colocaria a questão de aulas de campo no entorno da própria escola, utilizando no contexto a multidisciplinaridade abordando diretamente o meio ambiente; levá-los, por exemplo, ao lixão da cidade para que possam discutir questões relacionadas à produção, descarte e reutilização/reciclagem do lixo, numa clara demonstração de que eles também são responsáveis por tudo o que ocorre à sua volta, como forma de conscientização, atividades que instiguem sua vida em comunidade, valores culturais, espaço geográfico, processos históricos, aulas práticas em laboratório de informática e na produção artística e cultural.

Entretanto, não há aprendizagem sem motivação. Assim, percebemos que um aluno está motivado quando ele sente a necessidade de aprender o que está sendo tratado. Por meio dessa necessidade, o aluno se dedica às tarefas inerentes até se sentir satisfeito, fazendo uso desta aprendizagem em diversos momentos de sua vida. Por isso é tão importante o despertar dos professores e demais membros da escola, em especial da família, pois tem o papel fundamental de formar cidadãos mais críticos em relação aos conhecimentos e a relação destes com o meio em que está inserido.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria Aparecida F. de. Psicologia aplicada à administração. São Paulo: Excellus e Consultoria, 1992.

BALANCHO, M. J. S.; COELHO, F. M. Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas. 2ed. Porto, Portugal: Texto, 1996.

BERGAMINI, Cecília W. Motivação: mitos crenças e mal-entendidos. Revista de Administração de Empresas. abr. / jun. 1990, 30 (2) 23-34. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/viewFile/38667/37403>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: F. F. G. de Oliveira & L. D. T. Fini (Orgs). Leitura de psicologia para formação de professores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. 19ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

FITA, E. C. O professor e a motivação dos alunos. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. A motivação em sala de aulas: o que é, como se faz . 4ª Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GADOTTI, Moacir e colaboradores. Perspectivas atuais da Educação. Porto Alegre, RS. Editora Artes Médicas Sul Ltda, 2000.

KINPARA, M. M. Motivação humana: motivos envolvidos no processo educacional na UFAC. Campinas, 2000. 167 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251032>

MASLOW, Abraham H. Introdução à Psicologia do Ser. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/introducao-a-psicologia-do-ser/>

MOTTA, Paulo Roberto. Todo mundo se julga vitorioso, inclusive você: a motivação e o dirigente. Revista de Administração Pública. jan. / mar. 1986, 20 (1):11729. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/10049>

PILETTI, Nelson. Psicologia educacional. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1986.

PILETTI, Claudino. Didática geral. São Paulo. Editora Ática, 1987.

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Capítulo 3

**CAFÉ LITERÁRIO: CULTURA POPULAR E PRÁTICA
LEITORA NA BIBLIOTECA ESCOLAR**

Paula Cleonice Lafayette Vasconcelos

Amaro Miguel da Silva Filho

Elza de Arruda Solidade Oliveira

José Livonaldo Menezes Silva

Maria Darticlea Lima de Albuquerque

Polyvana Laura Cordeiro Lafayette Simões

CAFÉ LITERÁRIO: CULTURA POPULAR E PRÁTICA LEITORA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Paula Cleonice Lafayette Vasconcelos

É mestranda em Ciências da Educação pela UNIDA, possui pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior pela UNICAP e graduação em Letras pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde. Desde 1997 é professora da rede pública estadual de Pernambuco, atualmente trabalha na Escola de Referência em Ensino Médio Maria Auxiliadora Liberato. Possui experiência na área de Letras e coordenação pedagógica.

Amaro Miguel da Silva Filho

É mestrando em Ciências da Educação pela UNIDA.

Elza de Arruda Solidade Oliveira

É mestrando em Ciências da Educação pela UNIDA.

José Livonaldo Menezes Silva

É mestrando em Ciências da Educação pela UNIDA. Professor do Ensino Médio do Estado de Pernambuco, Professor do curso Análise Ambiental de curso de Ensino Superior EAD, Projetista Ambiental, Consultor Ambiental para licenciamento com atividades de projetos em vários municípios do Agreste Pernambucano.

Maria Darticlea Lima de Albuquerque

É mestranda em Ciências da Educação pela UNIDA.

Polyvana Laura Cordeiro Lafayette Simões

É mestranda em Ciências da Educação pela UNIDA.

INTRODUÇÃO

As práticas de valorização da cultura popular e de leituras efetivas na escola,

principalmente na biblioteca escolar, são menos comuns do que desejamos. As desculpas para não realização desse trabalho são inúmeras: falta de tempo, muitas atribuições ao longo do ano letivo, calendário repleto de projetos e atividades, falta de interesse de professores e estudantes em desenvolver atividades no espaço da biblioteca.

É notório, no trabalho em escolas de nível médio, que o hábito da leitura é minguado. Há uma apatia quase que geral e o uso de celulares, com suas respostas e comunicações imediatas, tem tomado o lugar dos livros e das interações sociais e culturais que ocorrem de forma presencial. Quando consideramos que “a participação social e o exercício da cidadania estão diretamente vinculados à prática e uso da leitura” (ANTUNES, 2002, p.26), buscamos, portanto, propiciar uma aproximação de escritores, repentistas e contadores de causos, proporcionando momentos de interação cultural entre os estudantes do ensino médio com representantes da cultura popular do estado de Pernambuco, mais precisamente da cidade de Caruaru.

Com este propósito, a pesquisadora desenvolveu uma ação, juntamente com a bibliotecária escolar e o professor de Língua Inglesa, com o intuito de incentivar o contato dos estudantes com a literatura regional e o prazer de escutar artistas regionais como também participar de um “Café Literário”. O objetivo principal da atividade era a busca por aperfeiçoar os espaços do auditório e da biblioteca da Escola de Referência em Ensino Médio Maria Auxiliadora Liberato, onde exerce sua função de educadora de apoio.

Contando com a participação da bibliotecária e do professor, demos início ao planejamento da dinâmica com intuito de atrair a atenção e participação dos estudantes, assim como na busca por novos leitores para usufruir do acervo da biblioteca escolar, do incentivo à valorização da cultura e dos artistas regionais que produzem literatura popular e sertaneja através de repentes e cordéis.

Cultura e leitura na formação do estudante

A escola in loco faz parte do Programa de Educação Integral de Pernambuco, na qual a BNCC define como o compromisso principal:

visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. (BRASIL, 2018, p.14)

Nesta perspectiva, a educação vai além de um ensino conteudista, de apenas ampliação da carga horária e que prioriza o cognitivo, implica em uma educação humana integral, na qual o estudante é visto em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural. Todos os seus potenciais são valorizados e há uma busca pelo seu pleno desenvolvimento.

Sendo assim, a escola é o espaço ideal para difundir a cultura, podendo tornar-se um ambiente com a presença de todos os integrantes da comunidade na qual está inserida. Cada sujeito pode representar um pouco da cultura que representa, neste aspecto, passam a ser valorizados dentro de sua singularidade cultural. A escola e, conseqüentemente, a educação, como espaço em que as contradições sociais se manifestam, converte-se em um dos cenários do multiculturalismo. (FREITAS,2011, p. 90).

Faz-se essencial que a escola reconheça dentro de sua comunidade os sujeitos que têm conhecimento, sabedoria e inserir em seu currículo uma abordagem da diversidade cultural que se apresenta em sua comunidade escolar.

Outro ponto em destaque neste trabalho de pesquisa é a leitura na formação do estudante. Quando lemos, temos a intenção de buscar informações, seja no ambiente escolar ou fora dele (por exemplo, na leitura de uma receita culinária, uma notícia nas mídias digitais ou, ainda, a busca por informações na bula de um remédio). A leitura é uma atividade recorrente nas aulas de Português e dos demais componentes curriculares.

A leitura como objeto de estudo desta pesquisa, é para desfrutar do texto, ler por prazer, sem a necessidade de realizar atividades obrigatórias em sala de aula. O que almejamos com o projeto é despertar no estudante experiências leitoras a partir do contato com autores locais para tornar esses momentos significativos na sua caminhada dentro e fora do ambiente escolar. Nesse sentido, destacamos as palavras de Silva (1998, p.30),

(...) na recuperação do estatuto de liberdade e de prazer a leitura' e para que se realize de fato (concorrerá para isso um despojamento dos professores no que tange às formas tradicionais de encaminhar a leitura junto aos seus alunos bem como à conquista de condições

para que a leitura ocorra menos artificialmente nas salas de leituras e nas bibliotecas).

Partindo do texto acima, podemos perceber que é necessário buscar novas formas de apresentar aos alunos a leitura de maneira menos tradicional e artificial, e, desta forma, possamos levá-los a usufruir da leitura por prazer. Esse tipo de leitura nada tem a ver com a obrigatoriedade de ler por obrigação, para preencher uma ficha de leitura ou para cumprir com uma demanda orientada pelo professor. Vai muito, além disso, é uma leitura por fruição.

A biblioteca no ambiente escolar

São poucas as instituições escolares que possuem uma biblioteca. Em várias instituições de ensino, esses ambientes são improvisados em salas de leitura para conceder aos estudantes a oportunidade de conviver com livros, em outras, os livros estão encaixotados sem o devido acesso para os estudantes.

Em 2010 foi aprovada uma lei que torna obrigatória a presença de uma biblioteca em todas as escolas até 2020. Antunes traz uma definição do que é uma biblioteca escolar (2002, p.17-18):

Biblioteca escolar localiza-se em escolas e é organizada para se integrar com sala de aula no desenvolvimento do currículo escolar, do planejamento e de todas as ações que se desenvolvem na escola. Além disso, a biblioteca escolar tem como objetivo despertar a criança para a leitura, desenvolvendo nela o prazer de ler, podendo servir, também, como suporte para a comunidade em suas necessidades de informação.

Percebemos, dessa forma, que a biblioteca é uma aliada do professor, podendo auxiliar e contruir projetos projetos, disponibilizando materiais de apoio para pesquisa, incentivando leituras e atuando no compartilhamento do saber. É no Manifesto da UNESCO (1999) sobre bibliotecas no ambiente escolar que observamos o seu papel no desenvolvimento dos estudantes: organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;

Aqui, podemos notar a sua relevância para o desenvolvimento cultural, pois é através de atividades organizadas na biblioteca escolar, que podemos incentivar nos estudantes, além do apreço pela cultura da sua comunidade, a consciência de sua

identidade e despertar a sensibilidade para que os jovens estejam atentos e sensíveis à arte e às manifestações culturais.

A existência de uma biblioteca escolar não garante, necessariamente, seu uso. Este espaço deve ser o local onde o estudante tenha vontade de entrar, andar por entre as estantes em busca de algo para ler de forma autônoma e prazerosa, não como uma tarefa ou imposição do professor.

Para que a biblioteca escolar tenha um uso real, Antunes (2002, p.29) aponta que:

A biblioteca escolar precisa ofertar ao pequeno leitor, e também ao jovem e ao adulto, os materiais de leitura de que necessitam para sua formação, instrução e diversão. Só assim a leitura terá chances de fazer parte da vida das pessoas, se constituindo numa necessidade a ser satisfeita.

Para que isto aconteça, a biblioteca precisa ter um trabalho colaborativo, de interação, engajamento, divulgação e leituras diversificadas, não é um trabalho administrativo, mas docente. Sendo assim, promover eventos que despertem nos estudantes o gosto pela leitura e o apreço pela visita ao ambiente da biblioteca, devem ser atividades realizadas nas unidades escolares frequentemente ao longo do ano.

Experiência de valorização à cultura e à leitura

Organizar um local cheio de estantes com livros não é o bastante para envolver os jovens estudantes num ambiente de leitura, é necessário muito mais. A vivência em uma escola pública estadual, situada na cidade de Caruaru — PE, mostra que é possível mudar comportamentos e atuar com o objetivo de trazer para os estudantes uma experiência através de atividades culturais que incentivam o apreço pela cultura popular e pela atividade da leitura.

Durante o ano letivo de 2022, com a percepção de que o número de visitantes da biblioteca escolar poderia ser ampliado, além de comprovar que os estudantes não se interessavam por obras de autores locais, pareceu-nos conveniente realizar uma mediação com a finalidade de alterar essa realidade.

O primeiro passo foi reunir parte da equipe e traçar os objetivos do que pretendíamos convidar dois professores, que também são escritores e expoentes

da cultura caruaruense, para participar de um Café Literário. Um deles é contador de causos, escritor e poeta, o outro é escritor, poeta e repentista.

Em seguida, iniciamos a organização do evento com agendamento de data, convite aos estudantes dos primeiros anos no ensino médio semi-integral e organização do espaço. No auditório, recebemos as turmas e os convidados fizeram as suas apresentações numa conversa informal falando sobre suas vidas pessoais, experiências com a leitura e escrita de livros e suas carreiras profissionais.

Na oportunidade, contaram causos, recitaram poemas de autoria própria, fizeram repentes com os temas sugeridos pelos estudantes e apresentaram os seus livros já publicados. Destacando que alguns deles já fazem parte do acervo da biblioteca escolar. Os estudantes estiveram empolgados e envolvidos durante toda a apresentação, inclusive fazendo perguntas aos convidados.

No refeitório, foi preparado um café para os alunos desfrutarem enquanto conversavam sobre as apresentações dos professores visitantes. A experiência vivenciada nesse trabalho propiciou momentos de muita interação, alegria por percebermos a riqueza da nossa cultura e histórias de vida de pessoas que nos fazem refletir sobre a importância da cultura, do espaço da biblioteca e da leitura.

É importante ressaltar que esta ação foi uma forma de transpor a barreira de valorizar o que é próprio da região, da nossa cultura, da nossa identidade e apresentar o espaço da biblioteca como forma de conquistar novos leitores.

Reafirmamos as palavras de Geraldi (2003, p.13), quando fala que o importante para o incentivo à leitura nos espaços escolares é “recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio — o prazer — me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”. Só é possível envolver um estudante quando se está envolvido; só podemos despertar o gosto pela cultura e pela leitura se nos envolvemos de verdade com isto.

Uma maneira de estimular o apreço pela cultura e, conseqüentemente, pela leitura, é através da troca de experiências entre os estudantes e autores, entre pessoas leitoras, entre aqueles com maior expertise e aqueles que estão iniciando a caminhada.

É importante considerar que quando temos boas experiências com atividades escolares realizadas ao longo da vida, tendemos a guardar recordações afetivas e o desejo de querer repeti-las ao longo da caminhada.

Pensando assim, observamos nitidamente que quando oportunizamos determinados momentos ricos de aprendizagem de forma divertida e prazerosa, os jovens podem seguir uma jornada iniciada com o incentivo no ambiente escolar, mas, em um determinado momento, eles prosseguirão de forma independente.

CONCLUSÃO

A atividade do Café Literário protagonizado pela biblioteca da Escola de Referência em Ensino Médio Maria Auxiliadora Liberato, mudou a visão de que a cultura e escritores de livros fazem parte de uma realidade distante da escola. O evento realizado com a participação de professores/autores/artistas convidados e a conversa na conquista dos estudantes foram decisivos para o sucesso do evento e ampliação do número de leitores assíduos a biblioteca.

Vislumbramos o que esperávamos: participação ativa durante a apresentação dos convidados, interesse nos temas abordados e aumento no número de visitas e permanência na biblioteca escolar.

Podemos concluir, utilizando as reflexões de Marcuschi (2008, p. 228), que a nossa percepção “é, em boa medida, guiada e ativada pelo nosso sistema sociocultural internalizado ao longo da vida”, isto quer dizer que, são as nossas experiências, vivências e leituras que nos fazem entender o mundo ao nosso redor.

São pequenas ações que podem ser relevantes na definição de hábitos e deleites antes desconhecidos. Há formas de gerar situações que proporcionam o contato com a nossa tão rica cultura popular, formas de incentivar experiências com a arte e com a leitura dentro do espaço escolar.

Fortalecendo nos estudantes os traços da nossa identidade regional, criando memórias afetivas e a valorização do patrimônio cultural de um povo: o povo nordestino, pernambucano, caruaruense. O nosso anseio, enquanto educadores, é que os estudantes possam continuar na descoberta e valorização da cultura popular e na caminhada leitora de livros e de mundo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Walda de Andrade. Biblioteca Escolar – Curso de atualização para professores. São Paulo: Global, 2002.

FREITAS, Fátima e Silva de. A diversidade cultural como prática na educação. 1ª ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

GERALDI, João Wanderley (org). O texto na sala de aula . — 3 ed. 7ª reimpr. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MANIFESTO UNESCO/ Ifla sobre A biblioteca escolar. Disponível no site: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acessado em: 31/01/2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

SILVA, René Marc da Costa (org). Cultura Popular e Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância, 2008.

Capítulo 4
**A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA NO ENSINO DO
ESPORTE E SUAS INTERVENÇÕES PARA
PROMOVER O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS
ALUNOS**

Luiz Carlos Moraes Cavalcante

A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA NO ENSINO DO ESPORTE E SUAS INTERVENÇÕES PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ALUNOS

Luiz Carlos Moraes Cavalcante

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a importância da pedagogia no ensino do esporte e suas intervenções para promover o desenvolvimento integral dos alunos. Através de uma abordagem educacional na prática esportiva, o professor de Educação Física desloca o foco apenas do desempenho esportiva para o ensino e aprendizagem de habilidades técnicas, sociais e emocionais. São apresentadas diferentes estratégias pedagógicas que valorizam a participação ativa do aluno, sua reflexão crítica e a formação de atletas conscientes e cidadãos responsáveis.

A pedagogia desempenha um papel fundamental no ensino do esporte, pois influencia diretamente a forma como os conhecimentos são transmitidos e assimilados pelos alunos. Uma abordagem pedagógica adequada não apenas busca desenvolver habilidades esportivas, mas também promover a formação integral dos indivíduos, levando em consideração aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores. Neste artigo, exploraremos a importância da pedagogia no ensino do esporte e discutiremos algumas intervenções pedagógicas relevantes nesse contexto.

1. Intervenções Pedagógicas no Ensino do Esporte

As intervenções pedagógicas no ensino do esporte envolvem uma série de estratégias e práticas que visam melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Alguns princípios-chave da pedagogia do esporte incluem:

1. Participação ativa: Incentivar a participação ativa dos alunos, envolvendo-os em atividades práticas, jogos e desafios que promovam o aprendizado efetivo e engajamento.

2. Aprendizagem significativa: Proporcionar experiências de aprendizado significativas, relacionando o conteúdo do esporte com situações reais e relevantes para os alunos, de modo a tornar o conhecimento mais aplicável e memorável.

3. Individualização: Reconhecer e respeitar as diferenças individuais dos alunos, adaptando o ensino para atender às suas necessidades específicas. Isso pode envolver a diferenciação de tarefas, a oferta de desafios adequados a cada nível de habilidade e a promoção da inclusão de todos os alunos.

4. Aprendizagem pela prática: Promover a aprendizagem por meio da prática regular e variada, permitindo que os alunos experimentem diferentes situações e desafios esportivos. Isso ajuda no desenvolvimento de habilidades motoras, tomada de decisão e resolução de problemas.

5. Autoavaliação e reflexão: Incentivar os alunos a refletirem sobre seu próprio desempenho e aprendizado, por meio de autoavaliação e feedback construtivo. Isso os capacita a desenvolver a consciência de suas próprias habilidades, pontos fortes e áreas a serem aprimoradas.

6. Contextualização: Conectar o esporte ao contexto mais amplo da cultura, da sociedade e do bem-estar pessoal dos alunos. Isso pode envolver discussões sobre ética esportiva, saúde e benefícios do exercício físico, respeito mútuo, trabalho em equipe e fair play.

Além desses princípios, a pedagogia do esporte também enfatiza a importância do papel do professor como mediador do aprendizado, proporcionando um ambiente seguro e motivador para os alunos explorarem suas habilidades e desenvolverem seu potencial máximo.

Essas intervenções pedagógicas no ensino do esporte têm como objetivo criar experiências de aprendizado enriquecedoras, que vão além das habilidades técnicas, e ajudar os alunos a adquirirem valores, competências e atitudes positivas que podem ser transferidas para outras áreas de suas vidas.

Deste modo, a pedagogia no ensino do esporte precisa ser reconhecida como importante ação dentro do ambiente de ensino, isso devido ao fato de que as práticas esportivas possuem valores de aprendizado distintos, como, por exemplo, a necessidade de se compreender as perdas e valorizar as vitórias, desenvolver a

tolerância, a paciência, o cumprimento de regras, saber esperar por sua vez, além de noções de convivência, relações sociais e o desenvolvimento do autocontrole e amadurecimento da identidade do aluno. “A prática pedagógica é um problema central da ação educativa para todos os contextos sociais e fatores envolvidos, quer em nível da intervenção pedagógica, ou do conteúdo, ou da relação” (VOSER, 1998, p.11).

[...] para orientar o processo de aprendizagem dos desportos, temos que ter em mente que a atividade esportiva por si só não educa; seus efeitos educativos dependem da situação na qual se cria especialmente em relação aos aspectos de interação social, ao clima afetivo-emocional e motivacional existentes (VOSER, 1998, p.10).

O professor de Educação Física, durante o exercício de sua docência, precisa estabelecer ações pedagógicas cujas quais sejam caracterizados por estratégias de ensino, por meio do esporte, para que sua ação seja capaz de conciliar o interesse do aluno pela prática esportiva e, através dessa, ser capaz de conciliar com ações que possam ser introduzidas no cotidiano dos alunos enquanto aprendizados significativos na vida de todos os alunos. Nesse sentido, não se trata apenas de uma prática esportiva aleatória ou simplesmente física, mas, sim, social, socioemocional, sociocomunicativa, sociopolítica, dentre outras características.

As principais tendências pedagógicas que são expressas no âmbito da educação formal podem ser denominadas e definidas operacionalmente como reprodutivas, tradicionais e construtivistas. A concepção reprodutivista (tradicional) é aquela que prioriza as capacidades intelectuais, situando-as como primeiros e mais relevantes objetivo na formação do homem. Seus procedimentos didáticos enfatizam processos normativos que visam uma rígida disciplina. A tônica desta concepção educativa é uma exposição de conhecimentos por parte do professor, dirigidos a educandos ouvintes e passivos; bem-comportados e estáticos (VOSER, 1998, p.11).

A concepção reprodutivista ou tradicional na educação é caracterizada pela ênfase nas capacidades intelectuais como principal objetivo da formação do indivíduo. Nessa abordagem, os procedimentos didáticos enfatizam processos normativos e disciplinares, buscando uma rigidez na sala de aula.

Na concepção reprodutivista, o professor desempenha um papel central, transmitindo conhecimentos de forma direta aos alunos. Os alunos são vistos como receptores passivos, ouvintes e estáticos, que devem se comportar de acordo com

as normas estabelecidas.

O professor é considerado a autoridade e detentor do conhecimento, e sua função principal é transmitir esse conhecimento aos alunos por meio de exposições e aulas expositivas. O aluno é visto como um receptor passivo de informações.

A rigidez disciplinar é valorizada como forma de manter a ordem e o controle na sala de aula. Os alunos são esperados para se comportarem de acordo com as regras estabelecidas e seguirem as instruções do professor.

A avaliação é frequentemente baseada na memorização e reprodução de informações transmitidas pelo professor. O foco está na quantidade de informações retidas pelos alunos, em vez de sua compreensão e capacidade de aplicar o conhecimento.

A relação entre professor e aluno é hierárquica, com o professor exercendo controle e autoridade sobre os alunos. O diálogo e a participação ativa dos alunos são limitados.

No entanto, é importante notar que a concepção reprodutivista ou tradicional na educação tem sido cada vez mais questionada e substituída por abordagens pedagógicas mais contemporâneas, como a abordagem construtivista.

O construtivismo enfatiza a construção ativa do conhecimento pelo aluno, por meio da interação com o ambiente e da participação em atividades significativas. Nessa perspectiva, o professor atua como mediador do aprendizado, facilitando a exploração, a descoberta e a construção de conhecimentos pelos alunos.

Essa mudança de paradigma pedagógico busca promover uma educação mais centrada no aluno, participativa, reflexiva e contextualizada, levando em consideração suas necessidades, interesses e habilidades.

[...] a concepção construtivista pressupõe estratégias de intervenção pedagógica manifestadas através da integração entre educação intelectual e corporal e de um conceito de autoconstrução; ou seja, o processo de elaboração do conhecimento se dá a partir da participação e intervenção ativa do indivíduo em todas as atividades de aprendizagem. A complexidade do processo da construção do conhecimento exige que o professor exerça o papel de agente estimulador destas relações de interação onde o indivíduo passa a ser um agente ativo (VOSER, 1998, p.11).

O trecho apresentado descreve alguns princípios do construtivismo como abordagem pedagógica. O construtivismo é uma teoria que enfatiza o papel ativo do estudante na construção do conhecimento. Em vez de receber informações

passivamente, os alunos são encorajados a participar ativamente das atividades de aprendizagem e a construir seu próprio conhecimento por meio de interações com o ambiente e com outras pessoas.

A integração entre educação intelectual e corporal mencionada no trecho sugere que o construtivismo reconhece a importância de abordar o aluno como um ser completo, considerando tanto sua dimensão cognitiva quanto física. Isso implica em incorporar atividades que envolvam não apenas o pensamento e o raciocínio, mas também o corpo e a ação. Portanto, o aprendizado não se restringe apenas à sala de aula, mas pode envolver experiências práticas, experimentação, resolução de problemas, jogos e outras atividades que engajem os alunos de forma holística.

O conceito de autoconstrução refere-se à ideia de que os alunos são construtores ativos de seu próprio conhecimento. Eles não são apenas receptores passivos de informações, mas têm a capacidade de construir significados e compreensões pessoais com base em suas interações com o mundo e com outras pessoas. Isso enfatiza a importância da participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, incentivando-o a formular perguntas, explorar, experimentar e refletir sobre suas descobertas.

Nesse contexto, o papel do professor é visto como o de um agente estimulador e facilitador. O professor cria um ambiente propício para o engajamento ativo dos alunos, provoca questionamentos, propõe desafios, oferece suporte e orientação quando necessário. Em vez de apenas transmitir conhecimentos de forma direta, o professor atua como um mediador, promovendo interações significativas entre os alunos, entre os alunos e o conteúdo, e entre os alunos e o ambiente de aprendizagem.

2. FUTSAL: UM JOGO ESPORTIVO COLETIVO DE POTENCIAL PROMISSOR

O interesse pela prática esportiva, na maioria das vezes, se dá na infância, principalmente, nas atividades de Educação Física desenvolvidas na escola, sendo o Futsal um dos esportes preferidos das crianças. Diante dessa constatação, as aulas de Educação Física se tornam mais atraentes o docente necessita realizar um bom plano de trabalho com o Futsal para que possa explorar o máximo do potencial cognitivo e psicomotor dos alunos.

A prática esportiva do Futsal escolar precisa basear-se em construtores teóricos e práticos, isto é, as aulas de Educação Física precisam contemplar experiências capazes de evidenciar tanto o potencial do aluno quanto também apresentar subsídios capazes de auxiliá-los na superação de suas dificuldades sejam ela a timidez, a antipatia, aptidão física etc.

Segundo Alves (2017), é possível compreender que:

Nas ciências, seja ela do esporte ou de outras áreas, as classificações de construtos constituem-se em uma tarefa que permite caracterizar, descrever e agrupar os elementos e atividades diferentes, porém aqueles que sejam semelhantes em determinado aspecto. Nas ciências do esporte, classificar uma disciplina esportiva apresenta um duplo significado, um interesse teórico e outro prático. O primeiro possibilita uma análise, estudo detalhado e diferenciador de cada elemento/aspecto, sua clara e profunda definição e delimitação. Para a práxis, o que permite estabelecer estratégias de trabalho, de atuação e caminhos que levem a mesmos destinos, transitar por diferentes espaços com elementos comuns, facilitando e promovendo a transferência de informações (ALVES, 2017, p.68).

O trecho apresentado aborda a importância da classificação de construtos nas ciências, incluindo as ciências do esporte. A classificação de construtos permite caracterizar, descrever e agrupar elementos e atividades com base em suas semelhanças em determinados aspectos. Essa tarefa tem significados tanto teóricos quanto práticos na área do esporte.

Do ponto de vista teórico, a classificação de disciplinas esportivas possibilita uma análise detalhada e diferenciada de cada elemento ou aspecto específico. Isso envolve uma definição clara e profunda das características e limites de cada disciplina esportiva, permitindo um entendimento mais aprofundado sobre elas.

No contexto prático, a classificação de disciplinas esportivas permite estabelecer estratégias de trabalho e atuação, bem como identificar caminhos que levem a objetivos semelhantes. Essa classificação facilita a transferência de informações entre diferentes espaços esportivos que possuem elementos comuns. Isso significa que a classificação ajuda a promover a comunicação e o intercâmbio de conhecimentos e práticas entre diferentes contextos esportivos, contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento das disciplinas esportivas.

Em suma, a classificação de construtos nas ciências do esporte, incluindo a classificação de disciplinas esportivas, desempenha um papel importante tanto teoricamente, ao permitir uma análise detalhada, como na prática, ao facilitar a troca

de informações e o estabelecimento de estratégias de trabalho e atuação. Isso contribui para o desenvolvimento e aprimoramento das disciplinas esportivas e promove uma maior compreensão e integração no campo do esporte. De acordo com Caregnato (2013), também é possível identificar que:

Ao analisarem a iniciação ao futsal, perceberam que os atores sociais do meio, sobretudo – pais e professores – encaram a permanência do jovem atleta no futsal como um processo de lapidação. Por isso, os envolvidos precisam ter paciência, já que o processo é lento e assim há um longo caminho a seguir e a enfrentar, até o momento do aluno se tornar lapidado, ou seja, um atleta profissional de futsal/futebol. O professor merece destaque, salienta que tal profissão é um privilégio, é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita, é conduzir almas, manter os sonhos, expectativas e também, “lapidar diamantes” (CAREGNATO, 2013, p.93)

O trecho apresentado destaca a visão dos atores sociais envolvidos na iniciação ao futsal, como pais e professores, sobre o processo de formação de jovens atletas. Eles veem a permanência do jovem atleta no futsal como um processo de lapidação, ou seja, um trabalho gradual e cuidadoso para desenvolver suas habilidades e torná-lo um atleta profissional de destaque.

Os envolvidos nesse processo são chamados a ter paciência, pois reconhecem que a jornada até a maturidade e excelência no esporte é lenta e requer persistência. Há um reconhecimento de que o caminho a ser percorrido é longo e cheio de desafios, mas também cheio de oportunidades de aprendizado e crescimento. O professor é destacado como uma figura essencial nesse processo. Sua profissão é vista como um privilégio, pois ele tem a oportunidade de semear conhecimento em terreno fértil, ou seja, nos jovens.

REFERÊNCIAS

ALVES, Karen Cristine Rodrigues. Conhecimento tático processual e declarativo no Futsal: avaliação de escolares de diferentes categorias. 2017. 149f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CAREGNATO, André Felipe. Adesão, aderência e abandono no cenário da iniciação esportiva: comparação entre o futsal escolar e o clubístico. 2013. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

VOSER, R. C. Iniciação ao futsal. Abordagem recreativa. 3ª ed. Canoas: ULBRA, 2004.

VOSER, R. C.; GIUSTI, J. G. O. Futsal e a Escola: Uma Perspectiva Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VOSER, Rogério da Cunha. Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao futsal. 1998. 115f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

Capítulo 5

**O PAPEL DO NEUROPSICOPEDAGOGO CLÍNICO
NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM
MICROCEFALIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

*Maria José Monteiro Araújo
Gleydson Luiz Alves da Silva*

O PAPEL DO NEUROPSICOPEDAGOGO CLÍNICO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM MICROCEFALIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maria José Monteiro Araújo

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Aluna da Especialização em Neuropsicopedagogia clínica e institucional da Unicorp Faculdades. Email: nenamonteiro10@gmail.com

Gleydson Luiz Alves da Silva

Graduado em Letras/ Libras pela UFPB, Especialista em Libras pelo IFPB, Mestre em Ciências da Educação pela UDS, Professor de Libras da Secretaria de Estado da Educação de Pernambuco, Professor de Libras da Secretaria Mul. de Educação de Marí-PB, Docente da UNICORP Faculdades - João Pessoa/PB. Email: gleydsonletraslibras@gmail.com

RESUMO

A neuropsicopedagogia é uma área multidisciplinar da educação, que tem por finalidade compreender como se dá o processo de funcionamento da aprendizagem humana e buscar meios de orientação e intervenção para minimizar os impactos causados pelos transtornos de aprendizagem. O objetivo principal deste artigo é analisar as práticas metodológicas desenvolvidas pelos profissionais da neuropsicopedagogia com crianças com microcefalia. A metodologia adotada neste estudo deu-se por meio de uma pesquisa bibliográfica do tipo integrativa, ou seja, é um método que proporciona a síntese dos conhecimentos adquiridos no decorrer dos estudos de outros trabalhos, que foram incorporados na aplicabilidade dos resultados obtidos prática. De tal modo, utilizou-se artigos publicados entre 2017 a 2022 nas plataformas científicas: Google acadêmico, Revista neuropsicopedagogia, entre outras plataformas para evidenciar este estudo. É de fundamental importância a atuação do neuropsicopedagogo, juntamente com outros profissionais como, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, psicólogo e professores, no processo de ensino-aprendizagem de crianças com microcefalia, visto que estes profissionais contribuem para reforçar o desenvolvimento da criança e também diminuir o sofrimento e as dificuldades de crianças acometidas pelo *Zika vírus*.

Palavras-chave: Neuropsicopedagogo. Criança. Microcefalia. Aprendizagem.

ABSTRACT

Neuropsychopedagogy is a multidisciplinary area of education, which aims to understand how the human learning process works and to seek means of guidance

and intervention to minimize the impacts caused by learning disorders. The main objective of this article is to analyze the methodological practices developed by neuropsychopedagogy professionals with children with microcephaly. The methodology adopted in this study was through an integrative bibliographic research, that is, it is a method that provides the synthesis of knowledge acquired during the studies of other works, which were incorporated in the applicability of the results obtained in practice. In this way, articles published between 2017 and 2022 on scientific platforms were used: Google academic, Revista neuropsicopedagogia, among other platforms to highlight this study. The performance of the neuropsychopedagogue is of fundamental importance, together with other professionals such as speech therapists, physiotherapists, psychologists and teachers, in the teaching-learning process of children with microcephaly, since these professionals contribute to reinforce the child's development and also to reduce suffering. and the difficulties of children affected by the Zika virus.

Keywords: Neuropsychopedagogue. Child. Microcephaly. Learning.

1 INTRODUÇÃO

A neuropsicopedagogia é uma ciência transdisciplinar, fundamentada nos conhecimentos da neurociência aplicada a educação, com interfaces da pedagogia e psicologia cognitiva (SBNPp,2020, p.3). Nesse sentido, uma grande compreensão da contribuição dessa ciência poderá desencadear importantes resultados para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças com microcefalia.

A microcefalia é uma imperfeição reconhecida pelo desenvolvimento inadequado do cérebro, ou seja, o cérebro desse indivíduo é menor do que o normal para sua idade (BOGLIOLO, 2006). Com isso, se faz necessário inserir uma ampliação dos conhecimentos acerca dessa temática, de maneira que se possa discutir, analisar e planejar as ações que contribuam com o avanço de novas perspectivas acerca do assunto e com o desenvolvimento cognitivo da criança portadora dessa anomalia.

Em pesquisas realizadas, foi perceptível a carência de materiais que tratam sobre os transtornos de aprendizagem e a neuropsicopedagogo. Nesta perspectiva, a partir do curso de pós-graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional, esta pesquisa tem como foco de estudo discorrer sobre “O papel do neuropsicopedagogo clínico no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança com microcefalia: uma revisão bibliográfica”.

Esta problemática, infelizmente, se faz presente no contexto social e, diante deste cenário, percebe-se a importância do neuropsicopedagogo clínico no acompanhamento, orientação e auxílio no processo de ensino aprendizagem.

Desta forma, o presente artigo é construído a partir do seguinte problemática: Quais as contribuições do neuropsicopedagogo no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança com microcefalia?

E diante deste problema, temos como objetivo geral analisar as práticas metodológicas desenvolvidas pelos profissionais da neuropsicopedagogo com crianças com microcefalia. E como objetivos específicos, busca-se: contextualizar sobre conceitos e caracterização de microcefalia; apresentar as práticas metodológicas desenvolvidas pelos profissionais neuropsicopedagogos com crianças com microcefalia; e explorar os recursos relevantes que apresentaram resultados significativos no processo de desenvolvimento da aprendizagem de crianças com microcefalia.

Assim, para que este trabalho tenha uma consistência teórico-metodológica, buscou-se a pesquisa bibliográfica do tipo integrativa, ou seja, é um método que proporciona a síntese dos conhecimentos adquiridos no decorrer dos estudos de outros trabalhos, que foram incorporados na aplicabilidade dos resultados obtido prática. De tal modo, utilizaram-se artigos publicados entre 2017 a 2022 nas plataformas científicas: Google acadêmico, Revista neuropsicopedagogia, entre outras plataformas para evidenciar este estudo.

Portanto, o artigo foi dividido em três partes, sendo a primeira a introdução, a segunda, a fundamentação teórica e a metodologia adotada na busca da coleta de dados, na terceira parte foram expressos os resultados e discussão, e por fim, as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este artigo científico propõe uma análise sobre os artigos científicos que relatam sobre a realidade e os desafios da neuropsicopedagogia clínica, com foco na aprendizagem da criança com microcefalia. Para tanto, dividimos o referencial teórico em três momentos. Na primeira seção será feita uma contextualização da neuropsicopedagogia no Brasil. Na segunda, será apresentada uma compreensão sobre o papel da neuropsicopedagogia clínica, já na terceira seção será abordado os transtornos e dificuldades encontradas no contexto escolar.

2.1. Contexto histórico da neuropsicopedagogia clínica

A neuropsicopedagogia é uma ciência transdisciplinar, fundamentada nos conhecimentos da neurociência aplicada a educação, com interfaces da pedagogia e psicologia cognitiva (SBNPp, 2020, p.3). Nesse sentido, a integração dessas importantes áreas do conhecimento contribui para a compreensão de como a ciência pode desencadear o desenvolvimento da aprendizagem de crianças com microcefalia.

Segundo Hennemann (2012), a neuropsicopedagogia de forma tímida vem ocupando espaços em clínicas e instituições, surgindo como um novo campo do conhecimento e estudo em atividades multidisciplinares. Esta, por sua vez, abrange tanto o conhecimento da neurociência quanto o desenvolvimento do processo de ensino – aprendizagem, cujo objetivo está elencado em tarefas que influenciam no processo de aprendizagem. Nesse sentido, faz-se necessário juntar as informações das demais ciências que possam ajudar a compreender de forma mais detalhada como acontece a aprendizagem de cada indivíduo.

A neuropsicopedagogia está associada aos saberes da neurociência, psicologia e pedagogia para contribuir com os métodos e ações que se faz necessário para que aconteça um melhor desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Tamez (2006, p.17), define a Neuropsicopedagogia como:

[...] um exercício de trabalho interdisciplinar, sobre o processamento de informações e modularidade da mente em termos de Neurociência cognitiva, Psicologia, pedagogia e Educação, que ocorre na formação multidisciplinar de profissionais voltados à área educacional.

A partir do exposto acima, a formação multidisciplinar contribui para a formação dos profissionais da área educacional, de maneira que este possa compreender melhor o processamento e a organização das informações da mente da criança, pois consideram os campos cognitivos da psicologia, pedagogia e educação, como áreas inseparáveis. Mercadante (2012, s/p), contextualiza a neuropsicopedagogia como:

Um campo de conhecimento que procura reunir os avanços advindos da neurociência com a psicopedagogia. Assim o profissional com essa perspectiva deve ter conhecimento amplo das bases

neurobiológicas do aprendizado, do comportamento e das emoções e dominar os elementos clássicos da psicopedagogia. Além disso, uma coerência epistemológica que garanta uma adequada articulação dessas áreas dispare do conhecimento é fundamental para a atuação na área.

Para o autor, a neuropsicopedagogia é uma área de conhecimento que reúne as descobertas da neurociência com a psicopedagogia. Assim sendo, este profissional deve ter um amplo conhecimento de como o cérebro interpreta e aprende as informações, para saber articular e planejar intervenções na área. De acordo com a Resolução nº 4, define,

Ao Neuropsicopedagogo com formação na área clínica. Entende-se que sua atuação na área clínica, pode atender o aspecto multiprofissional de acordo com o espaço no qual o neuropsicopedagogo está inserido e deve contemplar: Observação, identificação e análise dos ambientes sociais no qual está inserido a pessoa atendida, focando nas questões relacionadas a aprendizagem e ao desenvolvimento humano nas áreas motoras, cognitivas e comportamentais; Avaliação, intervenção e acompanhamento do indivíduo com deficiência de aprendizagem; Criação de estratégias que viabilizem o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem da criança; Utilização de protocolos e instrumentos de avaliação e intervenção devidamente validados para o uso da Neuropsicopedagogia; Elaboração de Relatórios de Neuropsicopedagogia Clínica, bem como participação em relatórios de avaliação multiprofissional; Encaminhamento a outros profissionais quando o caso for de outra área de atuação/especialização (SBNPp, 2020).

Portanto, entende-se que é necessário a atuação do Neuropsicopedagogo de forma individual ou em equipe multiprofissional para avaliar, intervir e acompanhar o indivíduo com déficits na aprendizagem devido a transtornos, síndromes ou altas habilidades que prejudique o desenvolvimento escolar e social. E, quando necessário, utilizar instrumentos de avaliação e intervenção, elaboração de relatórios e encaminhamento a outros profissionais se for o caso.

2.2 Microcefalia

A microcefalia é caracterizada como uma modificação nas estruturas ou no funcionamento do cérebro de uma criança recém-nascido. E apresenta as seguintes manifestações clínicas: paralisia cerebral, epilepsia, desenvolvimento cognitivo e motor comprometido, podendo também apresentar problemas na audição e visão. Varela (2015, p.26), contextualiza a microcefalia como,

[...] um estado neurológico raro, que se expressa por meio de anormalidades no desenvolvimento do cérebro dentro da caixa craniana. Geralmente ela ocorre quando os ossos do crânio se fundem prematuramente e não deixam espaço para que o cérebro cresça sem que haja compressão das suas estruturas.

Para Varela (2015), o diâmetro encefálico da criança precisa ser relativo ao tamanho do cérebro. Se o cérebro cresce, o crânio precisa desenvolver-se na mesma proporção. Essa característica é identificada durante o acompanhamento da gestação da mulher (pré-natal) e vista de forma mais perceptível no período pós-natal. Conforme Roberts, *et al.* (1999, p.18),

A microcefalia é um sinal clínico encontrado em várias condições de origem ambiental ou genética, que pode vir acompanhada de outras alterações morfológicas (microcefalia sindrômica ou complexa) ou não (microcefalia pura, não sindrômica).

A microcefalia pode ser de causas ambiental ou genética hereditária. Para isso, a criança precisa herdar uma cópia do gene defeituoso de seu pai ou de sua mãe para desenvolver a má formação no desenvolvimento do Sistema Nervoso Central da criança, causando sérios prejuízos cognitivos, motor, intelectual entre outras. São consideradas causas ambientais que causam a microcefalia:

Infecções como rubéola, toxoplasmose ou citomegalovírus; E herpes simples ou causas não infecciosas, por exemplo, pela fusão prematura dos ossos do crânio (craniossinostose), exposição a drogas e outras toxinas ambientais. (BRASIL, 2015)

Crianças com microcefalia apresentam algumas características mais visíveis, o diâmetro da cabeça é menor do que de outras crianças da mesma idade, a testa é curta e projetada para trás. Uma criança é considerada com microcefalia quando o perímetro cefálico é menor ou igual a 31,9 cm em meninos e menor ou igual a 31,5 cm em meninas. Tais regras só vale para recém-nascido com mais de 37 semanas de gestação.

Estas regras não servem para o diagnóstico da microcefalia de forma adquirida ou da microcefalia congênita em bebês prematuros. A microcefalia pode causar:

Retardo no desenvolvimento intelectual da criança; O desenvolvimento da fala comprometido; Coordenação motora comprometida; Músculos rígidos; Falta de equilíbrio; Hiperatividade;

Crises convulsivas; Déficit na visão e audição. (COFFITO, 2016, p.18).

A investigação da microcefalia pode ser feita ainda na gravidez, através de um exame denominado ultrassonografia fetal, que é capaz de medir o tamanho do crânio do feto. É recomendada essa avaliação no final do 6º mês de gestação. As sequelas causadas pela microcefalia vão depender da idade gestacional em que ocorreu a infecção, quanto mais cedo acontece a infecção ou exposição aos fatores de risco, mais graves serão as deformidades do sistema nervoso central.

Apesar de não existir cura para a microcefalia, existem tratamentos que ajudam a diminuir as dificuldades causadas pela doença. A Organização Mundial de Saúde – OMS, recomenda estimular o desenvolvimento da criança com microcefalia visando diminuir as sequelas neurológicas desencadeada pela microcefalia.

O primeiro ano de vida é um período em que a neuroplasticidade cerebral se encontra em uma fase de transformações e crescimento das redes neurais. Assim sendo, é importante que a família estimule a criança através de brincadeiras lúdicas e tarefas simples realizadas no dia a dia, além de um acompanhamento com uma equipe multidisciplinar.

Através das brincadeiras e das tarefas do dia a dia, a criança desenvolve a afetividade, o desempenho sensorial e cognitivo e a curiosidade por tudo e todos que estão em seu convívio. As táticas usadas pela família têm um papel importante, pois é um suporte que vem complementar o desenvolvimento da criança com microcefalia.

2.3 A relação neuropsicopedagogia com a criança com microcefalia

A Neuropsicopedagogia, como o próprio nome já nos leva a entender, é a junção de várias áreas do conhecimento. É um campo do conhecimento que interliga de forma harmoniosa os conhecimentos e princípios de diferentes ciências.

A área neuropsicopedagógica vem ajudar na educação por compreender que, em determinadas situações, crianças apresentam dificuldades para reagir aos estímulos externos. Assim, através de leque de saberes sobre o sistema nervoso e tudo o que a ele está associado, a neuropsicopedagogia ajuda o profissional a compreender como acontece as ações, emoções e pensamentos daqueles que apresentam alguma discrepância neural.

O conhecimento vem contribuir para melhorar a qualidade de vida de crianças acometidas por vários tipos de distúrbios neurológicos, contribuindo também de forma significativa com soluções para problemas educacionais. De acordo com Laura e Silva (2019, p.1)

A Neurociência é considerada a ciência do cérebro, enquanto a educação é conhecida com a ciência do ensino e aprendizagem, e são próximas porque o cérebro participa do processo de aprendizagem do indivíduo (...). Deste modo se torna evidente a necessidade da Neurociência e do Neuropsicopedagogo no processo de ensino aprendizagem servindo de suporte para potencializar métodos usados por professores em sala de aula no sentido de diminuir as dificuldades de aprendizagem, em específico em crianças acometidas por microcefalia e outros tipos de distúrbios, contribuindo assim para uma aprendizagem significativa e cidadã.

A junção da neurociência e a educação é necessária porque no processo de ensino aprendizagem um complementa o outro, a aprendizagem só acontece por causa do processamento de informações que acontece no cérebro. As contribuições da Neurociências tornam-se importantes para fortalecer os métodos utilizados em sala de aula, a fim de diminuir a exclusão escolar advindas de dificuldades no processo de ensino aprendizagem, e minimizar as dificuldades de aprendizagem de crianças acometidas por microcefalia ou algum outro tipo de distúrbio, contribuindo para uma formação cidadã.

Já para Hennemann (2012, s/p.),

[...] o cérebro é o sistema integrador, coordenador e regulador entre o meio ambiente e o organismo, entre o comportamento e a aprendizagem. Assim como cada ser humano tem impressões digitais diferentes, também possui sinapses cerebrais diferentes, pois cada um tem suas vivências, o seu aprender do mundo e com o mundo.

De acordo com Hennemann (2012), o cérebro é um órgão que não é de simples entendimento, ele faz parte do sistema que integra, coordena e regula as atividades do ser humano e o meio ambiente. Portanto, entendemos que o indivíduo aprende e se desenvolve de acordo com o meio em que ele interage.

Além da aprendizagem escolar, que acontece de forma planejada, através de estímulos cognitivos, emocionais e pedagógicos, o indivíduo aprende em outros ambientes que tenham comunicação com outras pessoas, a exemplo de família,

igreja, clubes, grupos, parques de diversões, ou seja, em todo e qualquer ambiente que haja convívio e diálogo entre humanos.

Para facilitar o processo de desenvolvimento da aprendizagem as Instituições Educacionais não precisam somente de recursos educativos, essenciais para promover a aprendizagem das crianças, é preciso ter o entendimento de como funciona biologicamente a aprendizagem das crianças, incluindo as crianças com algum tipo de limitação ou distúrbio. Dessa forma, se faz necessário a presença de um neuropsicopedagogo para promover capacitação profissional de professores e até mesmo atender de forma individual a criança portadora de necessidades especiais como a microcefalia entre outras.

O trabalho interventivo do neuropsicopedagogo é de grande importância no atendimento em ambiente clínico. O foco do trabalho neuropsicopedagogo, deve ser pautado em uma conduta ética e moral, que respeite o indivíduo com foco no seu trabalho, levando em consideração o meio em que esse indivíduo se encontra inserido, e dando a ele condições de desenvolvimento para uma vida plena.

2.4 METODOLOGIA

A metodologia adotada para a construção deste artigo científico deu-se por meio de uma revisão bibliográfica, na qual foi realizada por meio da seleção de artigos científicos nas bases de dados: Google Acadêmico, Revista Neuropsicopedagogia. Com isso, foram utilizadas as seguintes palavras-chave nas plataformas científicas, sendo elas: “Criança”, “microcefalia”, “Zikavírus”, “aprendizagem” e “neuropsicopedagogia clínica”.

Para tanto, os critérios de inclusão para a construção do artigo foram: artigos publicados nos últimos anos, entre 2017 a 2022; artigos publicados em língua portuguesa; artigos completos, disponíveis gratuitamente de forma on-line e estudos descritivos ou empíricos.

Já os critérios de exclusão adotados foram: artigos de revisão, reflexões sobre o tema e teóricos; artigos que não consideram mediação em grupo; artigos que não consideram mediação com criança acometidas com a microcefalia.

Na base de dados Google Acadêmico, foram encontrados cerca de 198.000 resultados, destes foram selecionados 46 artigos científicos, sendo excluídos 42 e aproveitados 04 artigos por estarem de acordo com os objetivos do trabalho.

Já na base de dados da Revista Neuropsicopedagogia, foram encontrados cerca de 18 resultados de artigos científicos; destes, apenas foram selecionados 05 trabalhos científicos, sendo excluídos 04 e utilizados apenas 01 artigo por apresentar consistência para os objetivos da pesquisa.

Nas bases de dados: Lilacs, Sucupira, Scielo, Revista Psicopedagogia, Pepsic e Birene, não foram encontrados resultados provenientes a pesquisa.

É importante mencionar que os dados foram extraídos de materiais com publicações entre os anos de 2017 a 2022, com a finalidade de manter os dados atualizados sobre o tema em estudo.

3 CONCLUSÃO

3.1 Apresentação dos resultados

Diante dos resultados obtidos no decorrer do estudo, podemos perceber, na análise, que a neuropsicopedagogia clínica em seu campo de atuação pode ser explorada de forma mais profunda sobre como se dá o processo de aprendizagem do sujeito com microcefalia. Com isso, obtivemos os seguintes desfechos dos resultados em pesquisas elaboradas.

Macedo (2019) em seu estudo, acredita que é necessário criar métodos para o processo de desenvolvimento de crianças com microcefalia através de estratégias que estimulem nestas crianças a habilidade de leitura, com a finalidade de auxiliá-las nos exercícios propostos em sala de aula. Como estratégias de atividades, é necessário de apropriar de algumas ações, tais como: conversar com a criança olhando para o rosto dela, sempre chamar a criança pelo nome, utilizar músicas infantis sempre acompanhada de gestos, usar brinquedos que produz sons e que sejam fáceis de pegar com as mãos, pronunciar o nome dos objetos para que a criança entenda, ler para a criança e não infantilizar sua fala.

Já Azevedo (2020) analisa que a forma como se planeja as aulas, bem como os critérios utilizados devem ser de forma a possibilitar a aprendizagem dessas crianças, o professor precisa considerar a singularidade de cada aluno, respeitando suas particularidades como por exemplo, o tempo necessário para o desenvolvimento social, motor, fonador, e tantos outros que se faz necessário ser desenvolvidos na criança, considerando que o processo de socialização de crianças

com deficiência é complexo, pois cada criança com microcefalia apresenta complicações diferentes e níveis diferentes umas das outras, que pode ser de ordem respiratória, motora, neurológica entre outras.

Em consonância ao autor acima, Silva (2017) acredita que o neuropsicopedagogo deve orientar o professor na sua prática a fim de conceder ao aluno com microcefalia um ambiente propício que seja atraente, que transmita segurança, pois o convívio e o diálogo entre ambos, desenvolve um maior interesse por parte do aluno, levando em consideração que a aprendizagem não se restringe apenas no ato de planejar, e sim, ao desempenho das ações pedagógicas. Ações que devem ser elaboradas de forma a levar a criança a interagir com os colegas nas brincadeiras e nas atividades, proporcionando a criança uma convivência participativa que ajude no seu desenvolvimento.

Os autores Dantas e Santos (2020) entendem que a microcefalia traz vários danos para o desenvolvimento da criança, atraso de ordem neurológica, psíquico ou motor, o nível e a gravidade variar de acordo com a parte do cérebro acometida, que pode variar de uma criança para outra. Percebe-se que é importante estimular precocemente a criança para promover o desenvolvimento motor, sensorial, emocional, linguística e social. Os métodos que são utilizados para estimulação vão despertar a curiosidade na criança para que ela sinta a necessidade de interagir, isso estimula o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança.

Nesse sentido, Confort e Conceição (2020) acreditam que o estímulo precoce deve ser determinada como um processo de acompanhamento e mediação com uma equipe multiprofissional com bebês e crianças acometidas pela microcefalia, buscando aprimorar o desenvolvimento dessa criança através da diminuição das sequelas no desenvolvimento psicomotor, na linguagem e na socialização, podendo assim, ajudar a fortalecer o vínculo familiar com a escola.

Já os autores Silva, Martins (2020), afirmam que os procedimentos elaborados e postos em práticas pelo neuropsicopedagogo é de fundamental importância em estabelecimentos que promovem a aprendizagem e também em espaços de trabalhos multidisciplinares. O neuropsicopedagogo clínico avalia a criança com reclamações escolares, faz um relatório apontando suas habilidades, competências e dificuldades nas áreas relacionadas à aprendizagem, e caso precise, encaminha a criança para outros profissionais.

Já em espaços multidisciplinares, o trabalho consiste a partir de uma demanda específica, observar pontos referentes à aprendizagem em determinados contextos, auxiliar na solução de problemas de aprendizagem ou auxiliando os professores a encontrar soluções para determinados problemas.

Macedo (2022) analisa que a neurociência mesmo sendo uma área de estudo ainda novata, vem contribuindo de forma positiva para a educação. O trabalho multidisciplinar junto ao profissional de neuropsicopedagogia traz resultados satisfatórios para os alunos e também para os professores que também necessitam de maior conhecimento sobre essa área de estudo.

Desta forma, constata-se a necessidade de um profissional neuropsicopedagogo e até mesmo de uma equipe multiprofissional para atuar auxiliando a criança no que diz respeito a aprendizagem como também dando suporte ao professor com as contribuições e descobertas feitas pela neurociência para a área da educação.

Nessa premissa, por exemplo, sabemos que a neuroplasticidade cerebral nos permite adaptarmos a diferentes situações, por isso que os estímulos provocados pelo professor, quando estes são positivos, desencadeiam reflexões e atitudes que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem. O profissional da neuropsicopedagogia deve auxiliar o professor sobre as informações pertinentes e cabíveis para o aprimoramento de como planejar e executar a aula para que os objetivos sejam alcançados, principalmente em compreender e fomentar a aprendizagem do aluno.

Em suma, Trindade, Albuquerque, Lopes (2019) percebem que a falta de investimentos em ações que promovam saúde e controle da propagação de doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes Aegypti* deixa um forte impacto na saúde da população, além das doenças que este vírus pode provocar.

Com isso, faz-se necessário juntar investimentos e comprometimento dos vários segmentos sociais e desenvolver ações que possam ser praticadas e trabalhadas pelas equipes de saúde e escolas, para sensibilizar a comunidade da importância da eliminação de ambientes propício ao desenvolvimento do vetor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a microcefalia é uma condição em que o bebê nasce com a cabeça reduzida em relação a normalidade, devido ao desenvolvimento anormal do cérebro, causado por infecções, desnutrição ou exposição a toxinas. Assim, o *Zika vírus* tem vitimado gestantes durante o período de desenvolvimento da criança. De acordo com dados da Secretaria de Estado da saúde da Paraíba, em 02 de junho de 2022, o *Zika vírus* é o principal causador da microcefalia em bebês.

Diante desse contexto, debates e discussões sobre o assunto têm sido bastantes intensificados por se tratar de saúde pública, e também no contexto educacional, pois gera desafios em desenvolver ações que visem a integração dessas crianças no espaço escolar. Com isso, surge a importância de tratarmos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, para que seja proporcionada a criança com microcefalia o acesso à educação a fim de desenvolver suas potencialidades.

Por estar agrupada na classificação de pessoa com deficiência, nos estudos realizados, a microcefalia necessita ser debatida, discutida de forma mais ampla, e ainda, ser realizado estudos com mais aprofundamento, para que seja ainda mais potencializado com ações que possam garantir a segurança dessas crianças na escola, orientação em planejamentos, convívio no espaço escolar, além de intervenções do neuropsicopedagogo no processo educativo.

Isso nos leva a refletir que há poucos estudos publicados com a participação do neuropsicopedagogo no ambiente escolar em atendimento direto com o aluno com microcefalia, o que resulta entender que, os trabalhos pesquisados na área são insuficientes, criando assim dificuldades no cenário educacional para que os professores possam realizar um planejamento adequado com a realidade da criança com microcefalia.

Isso não quer dizer que a equipe escolar é negligente, os professores e coordenadores são presentes e comprometidos, logo são impossibilitados pela falta de recursos e apoio como, curso de capacitação, uma equipe multidisciplinar que lhe dê suporte, especialmente com a participação do profissional da neuropsicopedagogia.

É de fundamental importância a atuação do neuropsicopedagogo, juntamente com outros profissionais como, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, psicólogo e

professores, no processo de ensino-aprendizagem de crianças com microcefalia, visto que estes profissionais contribuem para reforçar o desenvolvimento da criança e também diminuir o sofrimento e as dificuldades de crianças acometidas pelo *Zika vírus*.

Portanto, é preciso sempre orientar professores e a equipe escolar sobre métodos e procedimentos didáticos, visando estimular a criança com microcefalia a participar das brincadeiras, músicas infantis, atividades lúdicas que levem a criança a interagir com os demais, proporcionando assim, a possibilidade de desenvolvimento. Sempre tendo o cuidado de respeitar a singularidade de cada criança, pois cada uma tem o tempo de desenvolvimento diferente uma da outra. Para isso é preciso ter um ambiente propício e agradável que permita a criança sentir-se bem, segura e confortável.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Cecília Menezes; Contribuições da Neuroeducação no Processo de Ensino Aprendizagem de crianças com a Síndrome Congênita do Zika Vírus. Universidade Federal da Bahia I, Repositório Institucional da UFBA, Vol 1, 2020.

BOLGLIOLO, Luigi. Patologia e diagnóstico. 7ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Registro de Eventos de Saúde Pública. Microcefalias. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.resp.saude.gov.br/microcefalia#/painel>. Acesso em: 16 dez. 2022.

COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução no 500, de 26 de dezembro de 2016. Reconhece e disciplina a especialidade de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar, define as áreas de atuação e as competências do terapeuta ocupacional especialista em Contexto Escolar e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2016.

CONFORT, Marilene Ferreira; CONCEIÇÃO, Rosiane Timóteo da. Meu paciente tem Microcefalia. E agora? VIII Simpósio de pesquisa e de práticas Pedagógicas do UGB FERP, 2020.

DANTAS, B. R.; SANTOS, P.B.A. dos. Educação em tempos de pandemia: desafios, reflexões, aprendizagens e perspectivas. Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC), v. 6, p. 1-20, 2020.

DANTAS, Denise Medeiros; SANTOS, Luiz Antônio da Silva dos. Microcefalia e Inclusão: Desafios e Perspectivas no Contexto Educacional. VI Congresso Nacional de Educação. CONEDU, Ed. 1. Vol. 1, 2020.

FLA, Carmem Júlia Del Rei Villa; GUERREIRO, Caroline Ferreira; ANJOS, Jorge Luis Motta dos. Desenvolvimento Neuropsicomotor em crianças com Microcefalia associados ao Zika Vírus. Revista pesquisa em Fisioterapia RPF Journals BAHIANA, Vol. 1, 2017.

HENNEMANN, Ana L. Neuropsicopedagogia Clínica: Relatório de Estágio. Novo Hamburgo: CENSUPEG, 2012.

LIMA, Silvana Ferreira, LOPES, Meiriane; SIRLEY, Terezinha. Contribuições da Neurociência e do Neuropsicopedagogo no Processo de Ensino Aprendizagem. Revista Comunicação Universitária, Vol.1, 2021.

MACEDO, Maria Violeta Lima. Neuropsicopedagogia: aprendizagem no contexto escolar com crianças com microcefalia em Caxias/MA. Rev Brazilian Journal of DdevelopmentBJD, Vol.1, 2019.

MACEDO, Maria Violeta. Um olhar Prático e Experiente do Neuropsicopedagogo: sobre a dificuldade do Ensino Aprendizagem com crianças microcefálicas no Ensino Infantil do 1º ao 5º ano Fundamental Caxias/MA, Rev Brazilian Journal of Development BJD, v.10, n. 01, 2022.

MERCADANTE, Marcos T. *O cérebro social*. São Paulo: Segmento Farma, 2012.

NOUBERT, Adriana de Fátima; CEOLIN, Tamara; CHRISTO, Vanessa de; STRASSBURGER, Simone Zeni; BONAMINGO, Elenita Costa Baber. A Importância da Estimulação Precoce na Microcefalia. Salão do Conhecimento UNIJUI, Ciências Alimentando o Brasil, XXXIV Seminário de Iniciação Científica, 2016.

ROBERTS, E; JACKSON, A.P; CARRADICE, A.C; DEEBLE, V.J; MANNAN, J; RASHID, Y; JAFRI, H; MCHALE, D.P; MARKHAM, A.F; LENCH, N.J; WOODS, C. G. O segundo *locus* para mapas de microcefalia primária autossômica recessiva (MCPH2) no cromossomo. Rev Eur, J Hum Genet, 1999.

SEIBT, Mayara Teixeira da Silva. Educação Especial e Inclusiva, um novo desafio escolar: microcefalia. Revista Neuropsicopedagogia, Vol. 1, 2017.

SILVA, Raquel Rocha da; MARTINS, Cosma Catunda Borges. As Intervenções Neuropsicopedagógicas no processo de desenvolvimento e Aprendizagem Infantil. Rev Jusbrasil. Vol. 1, 2020.

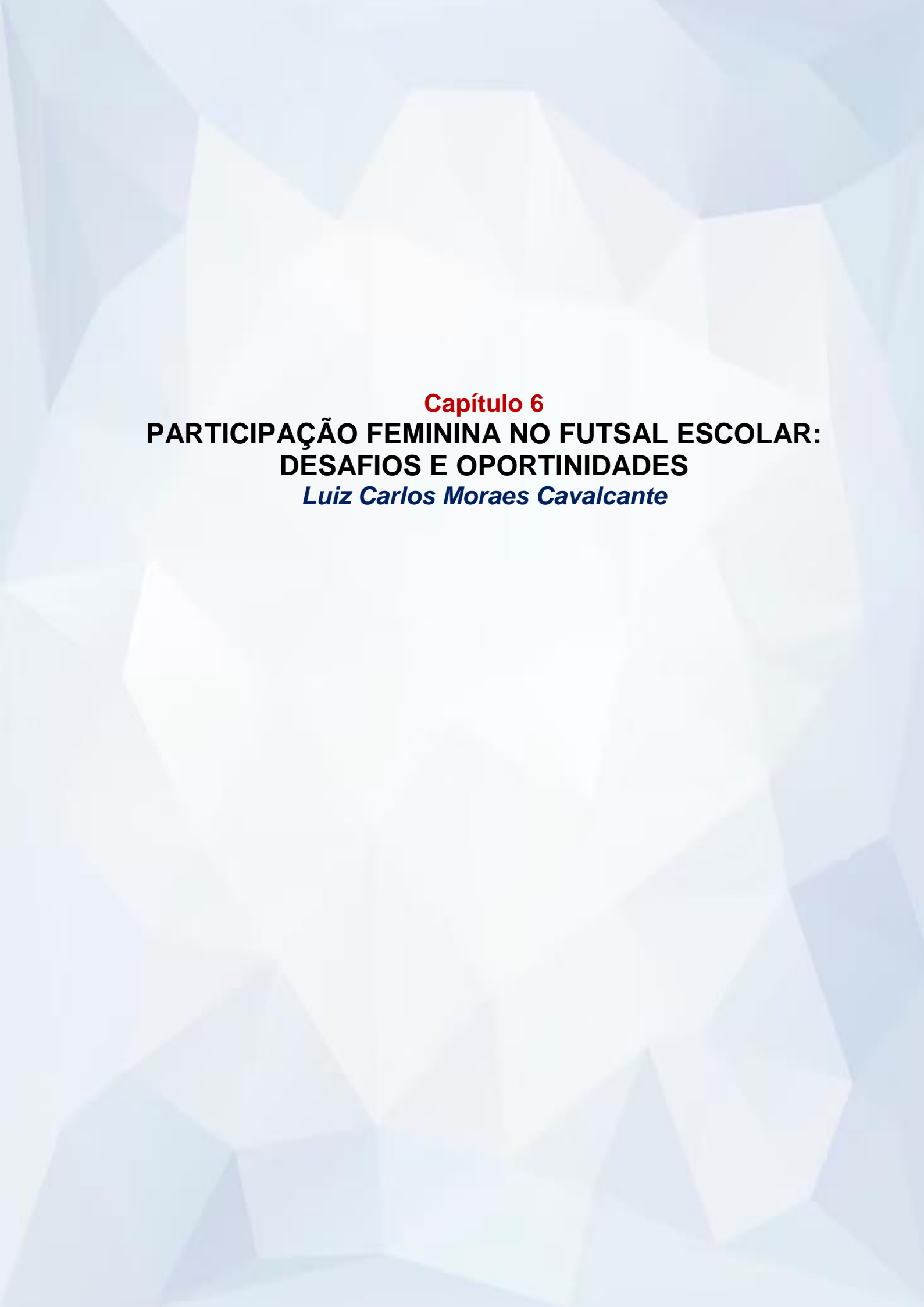
SILVA, Sidney Vergílio. A Neurociência como Ferramenta no processo Ensino Aprendizagem. São Paulo: ABBA, 2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROPSICOPEDAGOGIA (SBNPp). Conselho técnico-profissional. Nota Técnica. Nº 02/2017. Disponível em <http://www.sbnpp.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Nota-T%C3%A9cnica-n.022017.pdf>. Acesso em 09 dez. 2020.

TAMEZ, Alberto M. O. Definição de Neuropsicopedagogia. México, 2006.

TRINDADE, Adriana Gomes; ALBUQUERQUE, Ana Karolina; LOPES, Vitor de Oliveira. Microcefalia e Zika Vírus no Brasil: um estudo de revisão. Repositório Institucional do Centro Universitário do Planalto Centro Aparecido dos Santos(RIUniceplac), 07 de março de 2019.

VARELA, A. S. Síndrome do cromossomo X frágil: uma possível articulação entre psicanálise e genética médica? Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 18, nº 2, p. 45-61, dez. 2015.



Capítulo 6
**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO FUTSAL ESCOLAR:
DESAFIOS E OPORTUNIDADES**
Luiz Carlos Moraes Cavalcante

PARTICIPAÇÃO FEMININA NO FUTSAL ESCOLAR: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Luiz Carlos Moraes Cavalcante

RESUMO

Este artigo discute a participação feminina no futsal escolar, abordando os desafios enfrentados pelas meninas e as oportunidades para promover uma maior inclusão e representatividade no esporte. O futsal, como uma das modalidades esportivas mais populares nas escolas, tem sido historicamente dominado pelos meninos, deixando as meninas com menor visibilidade e acesso às oportunidades esportivas. Nesse contexto, o artigo busca identificar os principais obstáculos para a participação feminina no futsal escolar e apresentar estratégias para aumentar o interesse e o envolvimento das meninas na modalidade.

Palavras-chave: Futsal. Escola. Inclusão. Desafios.

INTRODUÇÃO

A participação feminina no futsal escolar é um tema relevante e atual, que suscita discussões sobre igualdade de gênero no esporte e oportunidades de inclusão. Embora o futsal seja uma modalidade amplamente praticada nas escolas, é notável a predominância masculina nesse contexto, o que resulta em menor visibilidade e representatividade das meninas nessa prática esportiva. Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo explorar os desafios enfrentados pelas meninas no futsal escolar e identificar as oportunidades para promover uma maior participação feminina na modalidade.

A prática esportiva na escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos estudantes, proporcionando benefícios físicos, sociais e emocionais. No entanto, quando se trata do futsal, é evidente que as meninas enfrentam obstáculos que limitam sua participação e envolvimento nessa atividade. Um dos desafios enfrentados é a persistência de estereótipos de gênero que associam o futsal a uma prática predominantemente masculina, desencorajando a participação feminina e reforçando a ideia de que o esporte é uma atividade exclusivamente masculina.

Além disso, a falta de modelos femininos e referências no futsal escolar contribui para a pouca representatividade das meninas nesse esporte. A ausência de treinadoras, professoras de educação física e profissionais do esporte do sexo feminino pode afetar o interesse e a identificação das meninas com a modalidade, dificultando sua motivação para participar e se desenvolver no futsal.

Outro desafio é a limitação de recursos e infraestrutura disponíveis para as equipes femininas de futsal nas escolas. Muitas vezes, as condições de treinamento, materiais esportivos e espaços adequados não são proporcionados de forma igualitária, o que pode dificultar o desenvolvimento das habilidades das meninas e prejudicar sua participação em competições.

Apesar dos desafios enfrentados, é possível identificar diversas oportunidades para promover a participação feminina no futsal escolar. A conscientização e o apoio dos educadores e treinadores são fundamentais para criar um ambiente inclusivo, que incentive e valorize a participação das meninas. A implementação de programas de desenvolvimento específicos para meninas, que abordem as necessidades e interesses delas, pode ser uma estratégia eficaz para aumentar o engajamento das alunas no futsal.

A criação de espaços seguros e inclusivos para a prática do futsal, onde as meninas se sintam acolhidas e respeitadas, também é uma oportunidade importante. Além disso, estabelecer parcerias com entidades esportivas e associações locais pode proporcionar recursos adicionais e oportunidades de competição para as equipes femininas.

Diante desses desafios e oportunidades, este artigo busca aprofundar a compreensão sobre a participação feminina no futsal escolar, analisando as barreiras enfrentadas pelas meninas e apresentando estratégias para promover uma maior inclusão e representatividade no esporte. Ao explorar esse tema, espera-se contribuir para a conscientização sobre a importância da igualdade de gênero no esporte, estimulando ações que possam garantir que as meninas tenham acesso igualitário e oportunidades de participar e se desenvolver no futsal escolar.

1. Contextualização do futsal escolar e sua importância no desenvolvimento dos estudantes

O futsal escolar é uma modalidade esportiva que se joga em quadra coberta, com times de cinco jogadores cada. É muito popular em escolas ao redor do

mundo devido à sua natureza dinâmica e de fácil acesso. O futsal oferece uma série de benefícios para o desenvolvimento dos estudantes, tanto em termos físicos quanto sociais e emocionais.

Em relação ao aspecto físico, o futsal promove o desenvolvimento de habilidades motoras, como coordenação, agilidade, velocidade e resistência. Os movimentos rápidos e precisos exigidos pelo jogo ajudam a aprimorar o condicionamento físico dos estudantes, contribuindo para uma vida saudável e ativa. Além disso, a prática regular do futsal melhora a capacidade cardiovascular e fortalece os músculos, auxiliando no desenvolvimento físico geral dos alunos.

Do ponto de vista social, o futsal escolar desempenha um papel importante na promoção do trabalho em equipe, da cooperação e da comunicação efetiva. Os estudantes aprendem a interagir e se relacionar com os colegas de equipe, a tomar decisões conjuntas e a lidar com vitórias e derrotas. Essas habilidades sociais são fundamentais para a vida em sociedade e para a construção de relacionamentos saudáveis no futuro.

Além disso, o futsal estimula a disciplina, o respeito às regras e a ética esportiva. Os estudantes aprendem sobre fair play, honestidade e responsabilidade, entendendo a importância de seguir as regras do jogo e respeitar os adversários. Esses valores têm uma aplicação prática na vida cotidiana, ajudando os alunos a se tornarem cidadãos conscientes e éticos.

No aspecto emocional, o futsal oferece aos estudantes a oportunidade de lidar com o estresse e a pressão competitiva de maneira saudável. Aprender a controlar as emoções, a lidar com a frustração e a trabalhar a autoconfiança são habilidades essenciais que podem ser desenvolvidas por meio da prática esportiva. O futsal permite que os estudantes experimentem situações desafiadoras, aprendam com os erros e desenvolvam resiliência emocional.

Além disso, o futsal escolar pode contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico. Estudos mostram que a prática regular de atividade física está associada a um melhor funcionamento cognitivo, incluindo habilidades de memória, concentração e resolução de problemas. Dessa forma, o futsal pode ajudar os estudantes a ter um melhor rendimento acadêmico, além de promover um equilíbrio saudável entre o estudo e o lazer.

Portanto, o futsal escolar desempenha um papel importante no desenvolvimento dos estudantes, fornecendo benefícios físicos, sociais e

emocionais. Por meio da prática do futsal, os alunos podem adquirir habilidades motoras, aprender a trabalhar em equipe, desenvolver valores éticos e fortalecer sua saúde mental.

2. Desafios enfrentados pelas meninas no futsal escolar

No futsal escolar, as meninas podem enfrentar uma série de desafios específicos em comparação aos meninos. Embora o futsal seja um esporte inclusivo, ainda existem algumas barreiras e estereótipos de gênero que podem afetar a participação e o desenvolvimento das meninas na modalidade. De acordo com Caregnato (2013), também é possível identificar que:

Ao analisarem a iniciação ao futsal, perceberam que os atores sociais do meio, sobretudo – pais e professores – encaram a permanência do jovem atleta no futsal como um processo de lapidação. Por isso, os envolvidos precisam ter paciência, já que o processo é lento e assim há um longo caminho a seguir e a enfrentar, até o momento do aluno se tornar lapidado, ou seja, um atleta profissional de futsal/futebol. O professor merece destaque, salienta que tal profissão é um privilégio, é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita, é conduzir almas, manter os sonhos, expectativas e também, “lapidar diamantes” (CAREGNATO, 2013, p.93).

O processo de ensino-aprendizagem no componente curricular da Educação Física precisa de cautela, pois se trata do envolvimento de diferentes perspectivas acerca da importância da prática esportiva especialmente relacionada ao Futsal escolar. Tem-se, então, literalmente em jogo diversas perspectivas, sendo elas a do professor, a do aluno, a dos pais, a da gestão escolar e a da comunidade escolar que, superficialmente vislumbram o aluno como um grande ícone do esporte, no entanto, muitas dessas respectivas divergem entre si, pois o objetivo principal do ensino da Educação Física por meio da prática de esportes não é essencialmente esse, mas, sim, de subsidiar o aluno para que este possa se tornar um promissor profissional do esporte, porém sem deixar os aspectos educacionais a desejar.

Em algumas escolas, pode haver uma falta de oportunidades para as meninas participarem de times de futsal. A infraestrutura esportiva pode ser voltada predominantemente para os meninos, com menos recursos e apoio disponíveis para as equipes femininas.

Ainda existem estereótipos culturais arraigados que associam o futsal e outros esportes a serem atividades predominantemente masculinas. Isso pode levar à desvalorização do futsal feminino e à falta de reconhecimento e incentivo para que as meninas participem do esporte.

A ausência de modelos femininos no futsal pode ser um desafio para as meninas. A falta de visibilidade de mulheres atletas bem-sucedidas no esporte pode limitar as aspirações das meninas e acreditar que o futsal não é para elas.

As meninas podem enfrentar pressões sociais e expectativas em relação à aparência, ao comportamento e às habilidades atléticas. Isso pode levar a uma autoestima diminuída e à hesitação em participar do futsal, especialmente se não se encaixarem nos estereótipos de uma jogadora de futsal.

As equipes femininas de futsal podem ter acesso limitado a recursos, como treinadores qualificados, equipamentos adequados e instalações esportivas apropriadas. Isso pode impactar negativamente o desenvolvimento técnico e tático das meninas no esporte.

O futsal feminino geralmente recebe menos visibilidade e reconhecimento do que o masculino. Isso pode resultar em menos oportunidades de competição, patrocínio e apoio institucional para as meninas no futsal escolar.

Para superar esses desafios, é essencial adotar medidas que promovam a igualdade de gênero no futsal escolar. Isso inclui garantir a igualdade de acesso às instalações e recursos esportivos, a promoção de modelos femininos de sucesso no esporte, o combate aos estereótipos de gênero e o fornecimento de um ambiente inclusivo e de apoio para as meninas desenvolverem suas habilidades e paixão pelo futsal. A educação e a conscientização sobre a importância da igualdade de gênero no esporte também são fundamentais para superar esses desafios e promover a participação plena das meninas no futsal escolar.

2.1 Estereótipos de gênero e sua influência na participação esportiva

Os estereótipos de gênero têm uma influência significativa na participação esportiva, tanto na escolha dos esportes praticados quanto na quantidade de mulheres e homens envolvidos em diferentes modalidades esportivas. Esses estereótipos são baseados em expectativas culturais e sociais sobre como homens e

mulheres devem se comportar e quais atividades são consideradas apropriadas para cada gênero.

Um dos estereótipos mais comuns é a associação de esportes competitivos, como futebol, basquete e rugby, aos homens, enquanto esportes considerados mais "femininos", como ginástica rítmica, patinação artística e balé, são associados às mulheres. Essa divisão de esportes por gênero pode levar a uma menor participação feminina em esportes considerados mais "masculinos" e a uma menor participação masculina em esportes considerados mais "femininos".

Os estereótipos de gênero também podem influenciar a maneira como as mulheres são percebidas e tratadas no contexto esportivo. Por exemplo, é comum que as mulheres sejam vistas como menos atléticas ou menos capazes em comparação aos homens. Essas percepções podem levar a uma falta de apoio e oportunidades para as mulheres em esportes de alto nível, menos visibilidade midiática para suas conquistas esportivas e menor financiamento para o desenvolvimento de programas esportivos femininos.

Além disso, os estereótipos de gênero podem afetar a autoconfiança e a autoestima das pessoas, influenciando suas escolhas e motivação para participar de atividades esportivas. Meninas e mulheres podem ser desencorajadas a participar de esportes devido à pressão social para se conformarem a ideias preconcebidas sobre o que é apropriado para o seu gênero. Da mesma forma, os meninos podem enfrentar estigmas sociais e pressões para evitar esportes que sejam considerados "femininos".

No entanto, é importante ressaltar que esses estereótipos de gênero estão sendo cada vez mais desafiados e superados. Movimentos e iniciativas têm trabalhado para promover a igualdade de gênero no esporte, buscando aumentar a participação feminina em esportes tradicionalmente dominados por homens, bem como valorizar e destacar as conquistas das atletas mulheres. À medida que essas barreiras são superadas, mais pessoas têm a oportunidade de se envolver e desfrutar dos benefícios da participação esportiva, independentemente de seu gênero.

De acordo com Oliveira (2015):

Um importante aspecto sociocultural que exerce influência sobre a formação esportiva de jovens é a participação feminina no campo do esporte. Mediante os processos históricos que evidenciam o papel

social atribuído historicamente no Brasil ao gênero feminino e à simbologia ligada ao futsal como uma prática de reserva masculina, tem-se a participação feminina nesta modalidade como um evento que ainda desperta estranheza em algumas esferas da sociedade (OLIVEIRA, 2015, p.7).

Historicamente, a prática esportiva, como um todo, é atribuída ao gênero masculino principalmente em esportes cujas quais envolve elementos como a força, a destreza, técnicas de combate e a disputa entre times, onde a figura feminina sempre esteve atrelada a atividades leves e delicadas cujas quais eram “lapidadas” contra a agressividade, prezando-se pela manutenção de uma conduta afeminada adequada às suas funções sociais de filha, esposa, mãe e dona-do-lar, logo, a brutalidade e competitividade que existe no meio esportivo causa certa visão de desconforto diante daqueles que ainda não compreendem a necessidade de ofertar as mesmas possibilidades de acesso dos indivíduos as práticas esportivas, independentemente de gênero, idade, raça, religião ou cultura na contemporaneidade.

CONCLUSÃO

A participação feminina no futsal escolar é um tema relevante no contexto escolar, pois reflete a busca por equidade de gênero e a promoção da inclusão no esporte. Historicamente, o futsal tem sido mais popular entre os meninos, e as meninas enfrentam barreiras e estereótipos que limitam sua participação nessa modalidade esportiva.

No entanto, ao longo dos anos, tem havido um aumento significativo da participação feminina no futsal escolar. Escolas, educadores físicos e pais estão se tornando cada vez mais conscientes da importância de oferecer oportunidades iguais para meninas e meninos no esporte.

Existem várias razões pelas quais a participação feminina no futsal escolar é importante. Em primeiro lugar, a prática esportiva promove a saúde e o bem-estar das meninas, incentivando um estilo de vida ativo e combatendo o sedentarismo. Além disso, o futsal ajuda a desenvolver habilidades motoras, coordenação, trabalho em equipe e habilidades sociais, que são importantes para o crescimento e o desenvolvimento das meninas.

A inclusão das meninas no futsal escolar também contribui para a quebra de estereótipos de gênero e para a promoção da igualdade. Ao oferecer oportunidades esportivas para as meninas, a escola está mostrando que todos os estudantes têm o direito de participar de atividades físicas, independentemente de seu gênero. Isso ajuda a fortalecer a autoestima e a confiança das meninas, além de encorajá-las a desafiar normas sociais e a buscar seus interesses e paixões.

No entanto, embora haja avanços, ainda existem desafios a serem enfrentados para aumentar a participação feminina no futsal escolar. Alguns desses desafios incluem a falta de acesso a instalações esportivas adequadas, a falta de treinadores e educadores físicos capacitados e a persistência de estereótipos de gênero arraigados na sociedade.

Para promover a participação feminina no futsal escolar, é importante que as escolas e os educadores físicos adotem medidas como: sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da igualdade de gênero no esporte; oferecer oportunidades iguais para meninas e meninos praticarem futsal, incluindo a criação de equipes mistas e a promoção de torneios mistos; realizar campanhas de conscientização sobre a importância do esporte na vida das meninas e os benefícios da prática esportiva; investir em treinamento adequado para educadores físicos, a fim de garantir que eles possam proporcionar um ambiente inclusivo e seguro para todas as crianças; buscar parcerias com entidades esportivas locais para expandir as oportunidades de participação no futsal.

A participação feminina no futsal escolar é uma questão importante no contexto escolar, pois promove a igualdade de gênero, incentiva um estilo de vida saudável e contribui para o desenvolvimento físico, emocional e social das meninas. É fundamental que escolas, educadores físicos e a sociedade em geral trabalhem juntos para garantir oportunidades igualitárias para todas as crianças no esporte.

REFERÊNCIAS

CAREGNATO, André Felipe. Adesão, aderência e abandono no cenário de iniciação esportiva: comparação entre o futsal escolar e o clubístico. 2013. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

OLIVEIRA, Flavia Volta Cortes de. Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de

gênero. 2016. 83f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

Organizadores

JADILSON MARINHO DA SILVA

Possui graduação em Letras pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (2010), graduação em Pedagogia pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais (2021), especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Cândido Mendes (2015), especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências Educacionais (2014), especialização em Língua Brasileira de Sinais (2020), especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2021), Mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de la Integración de las Américas (2017) e Doutorado em Ciências da Educação (2019). Atualmente leciona no Ensino Superior (graduação e pós-graduação) e no Ensino Médio. Possui experiência na área de Letras e Educação com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Comparada, Linguística, Educação Inclusiva, tecnologia assistiva, formação de professores, tecnologia educacional, avaliação e currículo.

RAFAELLA SALES DA SILVA

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE/CAA (2017), pós-graduada em Metodologia do Ensino de Língua portuguesa e Literatura, graduada em Letras- Inglês pela Faculdade de Ciências e Letras de Caruaru (2010). É professora efetiva de língua portuguesa na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. Tem experiência na área de Educação, dedicando-se, principalmente, ao estudo de temas relativos ao ensino de língua portuguesa, aos saberes e práticas docentes.

MARIA ROSINEIDE SARAIVA SOMBRA

Doutora em Ciências da Educação pela Universidad de la Integración de las Américas, mestra em Ciências da Educação pela Universidad Americana. Atualmente é concursada da Prefeitura Municipal de Caucaia e concursada do Governo do Estado do Ceará. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem e Educação Especial.

LILIAN BENTO DE SOUZA SILVA

Doutora em Ciências da Educação (Diploma reconhecido pela Universidade Federal de Goiás), Mestre em Ciências da Educação pela Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-2017). Especialista em Supervisão e Orientação Educacional pela Faculdade Nossa Senhora de Lourdes (FNSL/CINTEP-2013), pós-graduanda em Intervenção ABA aplicada ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) pela Faculdade Metropolitana (FAMEESP), pós-graduanda em Conciliação e Mediação de Conflitos pelo Centro de Mediadores Instituto de Ensino/Faculdade de Administração, Humanas e Exatas de Mundo Novo (UniFAHE). Graduada em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-2008), graduada em Pedagogia na Fundação Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-2005) e graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora efetiva da Educação Básica nos municípios de João Pessoa e Bayeux, tendo atuado como professora do Ensino Fundamental e Infantil, formadora e supervisora educacional. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em Ensino e Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: relação entre a história e a literatura; métodos e técnicas de ensino; formação de professores; Educação Inclusiva; identidade e cultura; uso de recursos audiovisuais e literatura como ferramenta didática.



Editora
REALCONHECER

ISBN 978-658452573-3



9 786584 525733

